

The background of the cover is a photograph of a diverse group of young people, likely students, smiling and looking towards the camera. They are wearing colorful clothing, including blue, yellow, and red. The overall mood is positive and inclusive.

Da Mihi Animas
REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

dma 01 de 2018

nenhum excluído
Sair... para reconhecer

Nesta edição: tradução dos textos para a Língua Portuguesa

dma

REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA

NÚMERO 01 . 2018

Ano LXV
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma

www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma

tel. +39 06872741
fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,
Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,
Anna Rita Cristaino, Emilia Di
Massimo, Dora Eyleinstein, Palma
Lionetti, Anna Mariani, Maria
Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,
Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha
Séide, Giuseppina Teruggi, Maria
Grazia Caputo, Caterina Cangia,
Mariano Diotto, Paolo Ondarza,
Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,
Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edição Extracomercial

La revista **dma** é realizada sobre carta
ecológica certificada FSC, constituída de
pura celulose e.c.f. e por um elevado
conteúdo de fibras de recuperação (pelo
menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa
periodica italiana

SUMÁRIOIO

**EDITORIAL: Com os
jovens...** 03

O caminho é a Paz
Dos jovens o empqño à Paz 04

Cultura ecológica
Não-violência, um modo de
ser no mundo 06

Fio de Ariadne
Velocidade e lentidão 08

Dossiê
Educar é... ACOMPANHAR 10

O caminho de Damasco
Educadores confiáveis 14

Horizonte família
Quais esperanças para os
jovens 16

#mulher

Mulher
Os jovens e o amor 18

Focus
Os jovens e a economia 20

A voz dos jovens
A caminho rumo ao Sínodo 22

Polifonia
Fixando os meus olhos nos teus 24

Comunicar
Redes de palavras 25

Cinema
Wonder 27

Literatura
As nossas lágrimas têm a
mesma cor 28

Música
Sair de si mesmos para
reconhecer-se

30
Laboratório-imagem
Os vídeos, meio privilegiado de
pastoral 31

Camilla
Uma viagem profética 34

Dossiê

10

Com os jovens...

O DMA 2018 abre-se com a esperança de um evento eclesial que nos alegra: o Sínodo dos Bispos sobre os jovens. Vivemos em um “mundo peregrino”. Os deslocamentos de uma multidão de pessoas, de um ponto ao outro do planeta, criam novas culturas, novos estilos e vida. E também os jovens fazem parte desta peregrinação não apenas geográfica, mas existencial.

É aqui que nós temos um papel significativo: permanecer acordados para despertar os jovens, ficar centralizados no Senhor para ajudar os jovens a centralizar-se n’Ele. Muitas vezes os jovens esperam de nós um anúncio explícito do «evangelho da vocação», uma proposta corajosa, evangelicamente exigente e, ao mesmo tempo, profundamente humana, sem descontos e sem rigidez. (cf. Mensagem do Papa Francisco aos participantes do Convênio Internacional: «Pastoral vocacional e vida consagrada. Horizontes e Esperanças» 1 a 3 de dezembro de 2017).

O ano de 2018 versará sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, e nos empenha a ir em direção a “todos os jovens, nenhum excluído”.

Esta decisão requer a expansão da mente, do coração e das mãos, de modo a abraçar as expectativas dos jovens, os seus sonhos, a sua verdadeira realidade e, com eles, caminhar com Jesus pelas estradas do mundo, semeando a Boa-Nova.

Convida-nos a criar um “vazio” para abrir espaço a todos os jovens, nenhum excluído. Pede-nos, como comunidades educativas, uma escolha decidida a sair dos nossos espaços e ir lá onde estão os jovens, nos ambientes em que vivem, trabalham e se entretêm.

Percorreremos este ano, tencionando olhar para os jovens com confiança e, junto com eles, deixar-nos conduzir por alguns verbos que nos colocarão em movimento interior de busca, de encanto, de admiração, de empenho pela vida, de construção de uma realidade orientada ao Reino de Deus.

Sair... para *reconhecer* a realidade plural dos mundos juvenis, para entrever os chamados de Deus nesta realidade.

Ver... para *interpretar* os sinais de Deus nas situações de tantos jovens que enfrentam dificuldades para a assunção de um projeto de vida.

Chamar... para *escolher*, entre as inúmeras vozes do mundo, o chamado Vital, despertando os desejos mais profundos de sentido que habitam o coração.

Sonhar... *agir* para dar esperança. E continuar a sonhar como Dom Bosco que, desde pequeno, percorreu os atalhos do discernimento: “*não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade, deverás ganhar estes teus amigos*”.

Agir amando o que os jovens amam. Amar os seus horizontes, procurando com eles o caminho da verdade, da beleza, do encontro, da solidariedade, da profecia do amor, da justiça social, da paz hoje tão desejada.

Caminhamos na comunhão que nos habilita à inclusão, vivendo em sintonia com a diversidade de perspectivas, porque juntos somos mais capazes de capturar a realidade na sua inteireza e, com os jovens, inaugurar novos tempos de plenitude de vida.

Maria Helena Moreira

O compromisso dos jovens com a Paz

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@fma.org

Quando penso no apelo à paz, à serenidade e ao amor para com o próximo; nas minorias oprimidas e em tantas crianças no mundo que padecem as guerras; nas violências e migrações forçadas, não posso deixar de dirigir o olhar a tantos jovens comprometidos com a paz, que continuam a agir com determinação, empenho e criatividade. São grupos, movimentos de jovens decididos a promoverem os valores da paz, o respeito, a tolerância, a fraternidade, que apontam para um mundo unido, e sabem bem que não é fácil, não o é para os grandes homens e estadistas, e imaginemos para eles. No entanto os jovens sabem que podem fazer muito, e se colocam inteiros para fazerem sim, que a Paz seja possível.

■ Um apelo e um sonho

“We are dreamers”, (somos sonhadores) e “Join us! And the world be as one” (une-te a nós e o mundo será como um só). São os jovens do 2º C de Lecce (Itália) que, faz pouco tempo, deram vida ao “**Movimento Imaginista**”, um movimento que extrai impulso e plena inspiração da canção “**Imagem**” de John Lennon. O jovem grupo salentino cria e realiza iniciativas, eventos e campanhas originais, capazes de “fazer muito barulho”. Desfrutam o máximo daquilo que aprendem na escola, como o uso das redes sociais e das novas tecnologias, a exortação ao “fazer” que, por meio da criatividade, da iniciativa e do empenho, pode, às vezes, dar frutos inimagináveis, como aconteceu com os seus companheiros de 14 e 15 anos, que animam o movimento anti-bulismo: “**Mas basta**”.

Os jovens do 2º C, para difundirem o seu movimento, estão usando a rede: um site e uma página social. O seu primeiro movimento foi criar e publicar o “**manifesto**” do movimento, composto por doze diversas “imaginações”. Realizaram um **calendário poster** de 50x70 cm, no qual mensalmente é noticiada uma específica imaginação, por exemplo, em fevereiro: “**Imaginamos um mundo sem infernos**”, em dezembro: “**Imaginamos um mundo no qual viver em paz**”.

«Nosso novo movimento não é uma religião e não é uma fé; agrada-nos imaginá-lo como um “credo” dos jovens em um mundo melhor» - afirmam os jovens do 2º C.

A quem exerce uma responsabilidade política, a quem tem a missão de educar e formar os jovens, a quem tem a tarefa de informar, para que escutem a voz dos jovens.

■ Criar unidade

Na República Democrática do Congo, as diferenças são muito evidentes. Há mais de 400 tribos e etnias e, de uma cidade à outra, não só mudam os hábitos alimentares, mas também os idiomas que no País são mais de 800. Somente na cidade de Goma, há mais de 200 igrejas de diversas confissões cristãs, mesquitas muçulmanas, e outras formas de culto.

«Durante a ditadura do presidente Mobutu, os sofrimentos da população, do ponto de vista econômico, cultural e também político, tornaram-se muito grandes. E a concepção sobre “quem é o outro”, com sua língua e sua cultura, foi manipulada pelas ideologias que levaram a considerar a cultura do outro como um fator a ser eliminado. Assim, em 1992, teve início a guerra nos vilarejos contra o inimigo que estava defronte. Quem hoje tem menos de 24 anos não pode saber o que seja a paz, pois viu somente a guerra, e os danos que provoca.

Todos de fato perdemos pessoas queridas. Porém, a guerra não destruiu as nossas culturas; elas ainda existem, com toda a sua beleza. E nós, jovens, que procuramos viver a espiritualidade da unidade, queremos reencontrar os laços que nos unem e que nos tornam complementares uns dos outros», relata um estudante congolês.

O grupo dos jovens que querem a paz no Congo, é um movimento de ação formado por jovens congolêses. Sonham uma sociedade na qual se respeite a dignidade das pessoas e a justiça social. O País é rico, mas os seus habitantes são pobres. Os jovens querem contribuir ativamente na construção do Congo, e estão convencidos de que a mudança deve partir dos congolêses, sem distinção de tribo, religião e língua. Trabalham, neste sentido, para conscientizar a população sobre os seus valores e sobre os seus deveres; o seu empenho é fazer conhecer ao povo a verdade sobre os fatos e sobre a vida do País; organizam discussões sobre o papel da comunidade internacional, dos jovens, e procuram firmar as bases sobre como construir o seu futuro.

«A mensagem que queremos fazer passar é que as nossas diversidades não são um motivo de divisão, mas uma potencialidade que torna a humanidade mais fecunda».

■ Toca aos jovens ser construtores de paz

“O direito à existência e à paz que as cidades humanas têm, é um direito do qual somos titulares nós, das gerações presentes e, mais ainda, os das gerações futuras”, assim dizia Giorgio La Pira, a propósito das nossas cidades. Toca a nós, como geração, pedir a colaboração de todas as instituições (leigas e religiosas), construir um novo percurso de paz, feito menos de bandeiras a serem desfraldadas, e mais de cultura e ações concretas, partindo cada qual do próprio pequeno.

Quatrocentos jovens de todo o mundo, desde a Malásia, à República Democrática do Congo e aos Países do Oriente Médio, lançam um apelo ao Parlamento Italiano, Europeu, à Unesco e às Nações Unidas, e pedem um maior empenho das Instituições em prol da paz entre os povos:

«Para realizar a fraternidade universal não basta a boa vontade do indivíduo: estamos convencidos de que seja necessária uma ação política sobre as causas dos conflitos e

sobre as condições que geram as desigualdades».

«Estamos conscientes do cenário global atual constelado por numerosos conflitos dos quais brotaram fenômenos, como as migrações dos povos, a extrema indigência e as injustiças sociais. Estas feridas nos envolvem diretamente e nos impelem a buscar soluções concretas, às quais direcionamos o nosso empenho pessoal».

Uma cidade de paz

Com o olhar no futuro, a poesia nos relata o mundo transformado pelo amor:

“Eu tinha fome,... tinha sede... É uma lembrança.

É uma lembrança a fadiga de ser estrangeiro

em uma terra inimiga.

Não mais condenações à morte,

Nem prisões por toda a vida.

Na doença encontro cuidado, respeito e amor.

Na dúvida

encontro quem me ajuda a entender.

Na angústia há quem me escuta e me conforta.

As crianças encontram casa e mil braços que as acolhem.

Não há mais medo.

Procurei

e encontrei.

Esperei

e vi

uma nova Europa, uma nova América,

uma nova África,

uma nova Ásia, uma nova Oceania,

uma cidade de paz,

um lugar em que Deus habita com o homem”.

(Os jovens da Paz)

Não-violência, um modo de ser no mundo

Ir. Júla Arciniegas e Ir. Martha Séide
j.arciniegas@cgfma.org mseide@yahoo.com

Tendo como pano de fundo a Encíclica *Laudato Si'*, a mensagem para a 50ª Jornada Mundial para a Paz “A não-violência: estilo de uma política para a paz”, e considerando a situação de violência sempre mais grave no mundo contemporâneo em todos os âmbitos da vida, queremos refletir nesta rubrica, sobre o tema da não-violência com relação à cultura ecológica como dom e responsabilidade para com as gerações futuras.

■ Um mundo dilacerado pela violência

Não é difícil reconhecer que vivemos num mundo dilacerado pelas guerras e pela violência, ferido por um difuso individualismo que divide os seres humanos e os põe uns contra os outros, procurando o próprio bem-estar. Hoje, em toda parte, reclama-se mais segurança.

A humanidade produz hoje, por exemplo, anidrido carbônico de maneira insustentável. Uma situação que está fazendo aumentar a temperatura terrestre com consequências sobre o clima, ainda não de todo previsíveis, mas suficientes para constatar desertificações, furacões, aumento do nível dos mares.

O comércio da água, a venda e/ou o desvio dos rios, agride numerosas populações de cada continente, em particular dos Países devastados pelos conflitos bélicos.

A violência sobre as mulheres está na ordem do dia, em todo o mundo. Os dados da ONU revelam que 35% das mulheres sofreu uma violência física ou sexual, do seu parceiro ou de outra pessoa.

Além disso, uma nova fronteira terrível: as armas nucleares. Está se delineando uma nova virada de época na condução das guerras, ligada a assim chamada inteligência artificial (cf <https://futureoflife.org/>). No

entanto, a paz e a não-violência continuam a ser um sonho da humanidade.

“A não violência é a força da alma ou a energia da divindade dentro de nós. Nós nos tornamos semelhantes a Deus na medida em que realizamos a não-violência” (Mahatma Gandhi)

■ A não-violência, caminho evangélico

É bom lembrar que, se a não-violência propagada hoje por tantos movimentos pacifistas, depois do Mahatma Gandhi, Khan Abdul Ghaffar K., Martin Luther King e outros, produziu ótimos resultados, tem, todavia, raízes distantes. Confirma-o o Papa Francisco ao afirmar: «a não-violência é um exemplo típico de valor universal, que encontra no Evangelho de Cristo o seu cumprimento mas que, pertence também, a outras tradições espirituais, nobres e antigas». Neste sentido pode-se afirmar que a não-violência é também caminho evangélico. O Pontífice lembra que o próprio Jesus viveu em tempos de violência, mas que nunca aceitou a situação com passividade e fatalismo, e nem respondeu com a vingança. Basta pensar no momento da crucificação: sua atitude para com os seus assassinos, foi um grito de perdão dirigido ao Pai (cf Lc 23, 34). Atento, e à escuta da realidade, ele sempre reagiu com criatividade e misericórdia, oferecendo uma mensagem de não-violência ativa. A estratégia proposta para a construção da paz encontra-se no *Sermão da montanha*. Nele pode-se reconstruir o perfil da pessoa não-violenta por meio da mensagem das Bem-aventuranças (Mt 5, 3-10) da qual Jesus é a primeira testemunha como homem manso, misericordioso, puro de coração, promotor da paz, faminto e sedento de justiça. Por isso a Palavra de Deus - ou o testemunho de Jesus, não deve jamais ser usada para justificar a violência, a injustiça ou a guerra.

Acolhamos o convite do Papa: «Empenhemo-nos, com a oração e com a ação, em nos tornar pessoas que baniram de seus corações, das suas palavras e dos seus gestos, a violência, e em construir comunidades não-violentas, que cuidem da casa comum». E a não-violência será um empenho por uma paz justa.

■ A não-violência por uma paz justa

“Há coisas pelas quais estaria disposto a morrer, mas não há nenhuma pela qual eu estaria disposto a matar”. Em 1927, Gandhi

pronunciava esta célebre frase que evoca a sua luta pacífica e incansável contra a violência, que considerava “a maior força à disposição da humanidade, a arma mais poderosa concebida pela inteligência humana”.

Com este mesmo espírito, o pintor e escultor sueco Reuterswård, em 1980 criou a *pistola da não-violência*. Um símbolo de grandes dimensões, colocado na entrada da sede da ONU, em Nova York, que representa uma arma nodosa e, portanto inutilizável. Expressões estas do profundo desejo de paz que habita o coração humano e que procura caminhos para torná-lo concreto.

Na mesma linha pode-se colocar a mensagem dirigida pelo Papa Francisco aos participantes da Conferência sobre “*Não-violência e paz justa*” (Roma, 13-16 de abril de 2016), organizada pela “*Pax Christi Internacional*” e pelo *Pontifício Conselho Justiça e Paz*. Ele sublinha a importância do seu árduo dever para com a não-violência evocando a necessidade de alcançar o desarmamento integral “desarmando os espíritos”, criando pontes, combatendo o medo e levando avante o diálogo aberto e sincero, etc. (cf <http://w2.vatican.va/>).

Acolhendo o convite do Pontífice, o movimento empenhou-se tomando mais direções para dar a própria contribuição. Aliou-se à Igreja pedindo-lhe de não utilizar mais a “teoria da guerra justa”; de continuar a sustentar a abolição da guerra e das armas nucleares; de elevar a sua voz profética para desafiar as forças injustas deste mundo, etc. (cf <http://archive.paxchristi.net/2013/2016-0099-es-gl-IS.pdf>). Além disso, procurou promover a compreensão e a prática da não-violência ativa em vista de uma paz justa. Neste percurso, a educação é caminho indispensável para acolher a intrínseca relação entre a dignidade humana e o respeito pela Criação.

■ Não-violência, caminho para uma educação ecológica

À luz da ecologia integral proposta pela Igreja, pode-se afirmar que o respeito pela ecologia humana traz necessariamente benefício ao ambiente e pode consolidar a paz. Trata-se de um empenho que se traduz em simples gestos cotidianos nos quais rompe-se a lógica da violência, da exploração, do egoísmo em favor de uma convivência pacífica. Deste ponto de vista, a

não-violência pode ser um caminho para a educação ecológica.

Em um discurso aos Embaixadores (dezembro de 2016), o Papa augura que «a escolha da não-violência como estilo de vida se torne sempre mais uma exigência de responsabilidade, em todos os níveis, desde a educação familiar, o empenho social e civil, até a atividade política e as relações internacionais». Para que a não-violência se torne um estilo de vida, é indispensável começar a partir do coração humano, do qual brota a agressividade e a prepotência. Eis porque os educadores que estão empenhados em elaborar uma cultura ecológica não podem eximir-se desta dimensão, em um mundo tão marcado por conflitos e violências difusas, na convivência ordinária. Em que consiste, então este percurso educativo à não-violência, em chave ecológica?

Inspirando-nos no programa da educação à não-violência e à paz, da *Coordenação francesa para a década 2001-2010* (cf <http://education-nvp.org/>), reafirmamos que a educação à não-violência requer a aquisição de diversas competências: as centralizadas sobre a pessoa, e as orientadas ao mundo, que favorecem a atenção ao outro, ao grupo e à organização social.

■ Educar à interioridade

Antes de tudo, ocorre partir do coração, isto é, de uma precisa formação à interioridade que ajude a pessoa a escutar-se, em vista de um melhor conhecimento e aceitação de si e, assim, reconquistar a harmonia pessoal. Este percurso favorecerá o crescimento de uma adequada auto-estima que habilitará a mudar o próprio olhar sobre o outro, e a melhorar as relações.

A aprendizagem da escuta de si torna a pessoa mais disponível à escuta do outro e, por conseguinte, mais atenta em sua relação com os outros: Deus, o próximo, o cosmo, a história. É um processo de encontro com a verdade que ajuda a enfrentar o conflito, no respeito ao adversário e, sobretudo, na busca comum da verdade e do bem.

«A escolha da não-violência como estilo de vida torne-se sempre mais uma exigência de responsabilidade em todos os níveis, desde a educação familiar, o empenho social e civil, até a atividade política e as relações internacionais»

Velocidade e lentidão

■ **Maria Rossi**

Rossi_maria@libero.it

A tendência a pretender ter imediatamente o que se deseja ou o que se considera necessário, tornou-se uma modalidade de comportamento bastante generalizada. Lamenta-se como sendo uma atitude dos jovens, mas na realidade, os adultos e os idosos, parece, não ficam atrás.

Têm-se a impressão de que o dever esperar seja uma falta de respeito, uma espécie de descuido, de injustiça com relação à própria pessoa, de ineficiência ou incompetência da parte de quem fornece o serviço ou a coisa solicitada. E, às vezes, o é. É preciso ser rápidos, fazer logo, chegar no tempo estabelecido pelos padrões, ter logo o que se pede, contentar velozmente a reivindicação também para que não haja aborrecimentos, e para que a mesma não degenere em violência. Vários são os fatores que induziram esta situação, entre os quais os instrumentos tecnológicos da última geração, e o digital. Eles, satisfazendo velozmente algumas exigências e necessidades, podem induzir a generalizar e a pôr tudo no mesmo plano, exasperando a reivindicação e comprometendo também um desenvolvimento equilibrado da personalidade.

Poder ter logo o que se considera necessário, faz sentir-se bem. Satisfazer tempestivamente, podendo fazê-lo, os desejos e os pedidos dos outros é respeito, delicadeza de alma, empatia, caridade. Mas, se uma informação, um instrumento, um comestível podem ser alcançados com rapidez, não é assim no que diz respeito à natureza, ao humano e àquilo que é culturalmente importante.

■ Esperar

A espera de uma vida humana requer nove meses; o pleno desenvolvimento cerebral, dezenove-vinte anos; a maturação

de uma colheita requer um ciclo de estações. Quem projetou um reflorestamento, dificilmente o vê completar-se. Para tocar um instrumento em bom nível, para realizar uma obra de arte, para uma vitória no atletismo fala-se da regra das dez mil horas de treinamento. **Svetlana Aleksievic**, Nobel para a Literatura 2015, para escrever o livro *Oração por Chernobyl*, um dos mais traduzidos, empregou onze anos.

FOFI Gilfredo, *Svetlana Aleksievic pioneira com a pena*, em *Mensagem de Santo Antônio*, setembro de 2017, p. 20-23

O natural, o artístico, o humano têm exigências e tempos diferentes do digital e do técnico. Entrar indiscriminadamente na lógica da velocidade, da eficiência; passar da utilização do instrumento ao ficar escravo dele; tornar-se super-informados e perenemente ligados aos “amigos” virtuais, é um risco de empobrecimento comunicativo, para todos. É penoso ver, sempre com mais frequência, grupos de adolescentes, de jovens e de adultos, sentados, um ao lado do outro, cada qual reclinado e concentrado no próprio *smartphone*, em silêncio entre eles. O uso desses instrumentos é fácil, oferece sensações agradáveis, mas impede a normal comunicação face-a-face com o vizinho. Assim escreve **Sílvia Bonino**, em *Psicologia contemporânea* (263, setembro – outubro de 2017, p. 56-57), “*Menos encontros face-a-face equivalem a menos empatia*”.

Pino Pellegrino, no *Boletim Salesiano* de setembro de 2017, escreve: “O número das crianças que sabem navegar na Internet é muito maior do que o daquelas que sabem amarrar os próprios sapatos”. É a ultrapassagem do digital sobre o real, do veloz e atraente sobre o empenhativo.

As tecnologias e o digital, caracterizados pelo fácil uso e pela velocidade, são apreciados e utilizados, mantendo vigilante e elevada aquela capacidade crítica que permite discernir entre as muitas e curiosas possibilidades, as que contribuem ao crescimento da pessoa e da comunidade, as que dão sentido ao viver e ao morrer.

■ Harmonizar

Um desenvolvimento harmonioso da personalidade requer harmonizar a velocidade da técnica com os lentos processos psíquicos; saber saborear a emoção da corrida sem negligenciar a

maravilha da contemplação e o encanto com a beleza, a imensidão, os silêncios; navegar e alcançar em tempo real o que é possível, e estar serenamente nos necessários tempos longos; olhar com simpatia tanto quem é rápido como quem é vagaroso.

Ficar em contato com a natureza, caminhar e familiariza-se com os seus ritmos, aguça a capacidade de observar, abre ao conhecimento, educa ao respeito e à paciência, e cura das exigências e da agressividade. Ao mesmo tempo, é também de grande ajuda para permanecer ou para voltar a ter contato consigo mesmo, para conhecer-se, aceitar-se e a não perder-se, recorrendo à mil possibilidades atraentes que a sociedade oferece, e que no final podem resultar em quimeras. O contato com a natureza solicita, também, fazer-se aquelas perguntas de sentido, que remetem ao Mistério, à Transcendência.

Não é uma novidade afirmar que a aproximação à natureza acalma tensões e traz bem-estar. Ultimamente, e precisamente nos Países onde o desenvolvimento tecnológico e a corrida à eficiência levam para outras direções, estão sendo difundidos Centros especializados onde é possível curar-se, com a natureza. São agriturismos, fazendas didáticas com animais diversos e, há algum tempo também com os burros (onoterapia); lotes de terrenos especialmente equipados onde Associações com pessoas preparadas de modo adequado, por meio da observação, do conhecimento, do contato com a natureza e com os animais; além disso, *“os longos períodos regeneradores de caminhada – nos quais são envolvidos – ajudam deficientes psíquicos, toxicodependentes, encarcerados a reencontrarem a si mesmos e alcançarem aquele equilíbrio psico-físico que leva a estar bem consigo e com os outros”*.

■ Educar

Educar a uma correta relação com a natureza: criar ocasiões para poder conhecer a aprender a respeitá-la, saborear juntos os momentos de harmonia e de luz e também as surpresas que reservam as longas e pacientes esperas, tudo isso poderia ajudar a *prevenir* alguns distúrbios antes de precisar curá-los, e oferecer uma pequena contribuição à solução do preocupante problema ecológico.

Quem trabalha no âmbito educativo e reconhece a importância de prevenir antes de recorrer às curas, deveria transmitir estes valores. Mas, quem não conhece a natureza e não experimentou os seus benéficos efeitos, não só não pode ensinar, mas também corre o risco de assumir atitudes de suficiência diante de quem, com humildade, se dedica a esta tarefa pouco considerada/não valorizada, nos Países ricos. Não faltam educadores e educadoras, também nos nossos ambientes, que não somente não ensinam, mas que nem mesmo respeitam as normas elementares da coleta diferenciada dos resíduos.

Quem experimentou o bem-estar de reencontrar-se revigorado nas energias e na esperança; quem caminhou em companhia por atalhos e estradas distantes do tráfego e viveu o encanto intenso dos silêncios, da beleza, e o senso do mistério; quem se familiarizou com os ritmos lentos aprendendo o respeito e a paciência das longas esperas, acha o modo de ensinar estes “hábitos” também na cotidianidade da vida. No apartamento ou na aula pode-se encontrar o lugar para cultivar uma flor, para plantar uma semente e esperar que germine. No pátio pode-se encontrar o tempo para fazer observar, com o benefício da sombra, as lentas mudanças e as exigências de uma árvore, de um prado. Às vezes, pode-se fazer em companhia do filho um trajeto a pé para ver um monumento, recontar sua história e ajudar a observar aquele pouco de natureza que resta e que cresce nas rachaduras dos muros. Correndo de carro chega-se primeiro, cansa-se menos, mas as muitas coisas que se podem colher caminhando, ficam impedidas.

No âmbito educativo e formativo seria importante criar, também para os adultos, **ocasiões de saídas** e de breves permanências em lugares onde é possível estar em contato com a natureza, caminhar, conhecer, admirar, contemplar comunicar com as pessoas do grupo e também experimentar o gosto de viver sem ser escravo dos celulares, de sentir-se livres dos instrumentos.

Um professor havia organizado uma saída de dez dias com um pequeno grupo de jovens (moços e moças), para uma experiência formativa recreativa. De comum acordo haviam escolhido uma zona montanhosa, onde não chegava a rede. Ele

me contou que no final dos dez dias empenhativos, mas interessantes para todos, o grupo pediu: “Professor, por que no próximo ano não podemos fazer vinte dias em vez de dez?”. As experiências positivas formam e salvam. As proibições servem um pouco no momento, mas dificilmente educam.

Le Breton, *Caminhar. Elogio dos caminhos e da lentidão*, Edições dos caminhos, Roma 2015.

Quem experimentou e saboreou o benéfico contato com a natureza, mesmo se por algum tempo ficar sobrecarregado com a correria, descobrirá que a saudade do simples, do genuíno, do puro dá força para voltar às raízes. Harmonizar em si velocidade e lentidão, entusiasmo e espanto, exigências e pacientes esperas; olhar com benévola simpatia tanto para quem é rápido como para quem é lento; contribuir para acolher e harmonizar os valores das diversas culturas e as cores da pele, colaborando com os outros, poderia ser uma eficaz contribuição a um pleno desenvolvimento pessoal, e para criar amizade, fraternidade e paz.

DOSSIÊ

SAIR... PARA RECONHECER

Educar é acompanhar

Maribel Gómes Ranera
maribel.gomez@salesianas.org

A abordagem dos jovens europeus, no contexto contemporâneo, revela a sua necessidade de apoiar-se em pessoas que lhes deem segurança para continuarem avançando no caminho de suas vidas. Por isso ganha grande importância o educador que se torna ‘acompanhante’ em cada ambiente educativo: como testemunha, pela formação recebida e pela sua experiência de vida; como camunhante, porque procura viver a fé em Jesus Cristo.

Os itinerários de Educação à Fé são uma resposta concreta e um instrumento eficaz para os que exercem este ministério como Educomunicadores e Evangelizadores dos jovens.

OS JOVENS NO MUNDO DE HOJE

■ O amor e o seu contrário

Uma recente campanha publicitária de uma conhecida marca de alimento, fez uma radiografia dos espanhóis como pessoas que amam e odeiam as mesmas coisas ao mesmo tempo. O termo cunhado para identificar este sentimento foi: “*amódio*” e bem poderia ser aplicado aos jovens de hoje, este novo vocábulo, ainda não introduzido no dicionário.

A relação “Jovens espanhóis entre dois séculos (1984-2017)”, promovido pela **Fundação SM**, oferece um profundo estudo tanto do panorama das últimas décadas como da situação atual dos jovens em nosso País. Nesta publicação os jovens se revelam admiradores do altruísmo, mas pouco envolvidos no voluntariado concreto; permissivos e negligentes naquilo que se refere à moral, mas exigentes quando se trata de reivindicar o reconhecimento da própria personalidade; muito dependentes da família, mas rebeldes que pedem para seguir suas próprias regras.

O Observatório Juvenil da Ibero-América (OJI), é um programa da Fundação SM para promover a pesquisa sobre a juventude, sobre a instrução e a cultura na região. A Fundação SM tem uma história de mais de 30 anos na realização de relações e buscas sociais, com a finalidade de uma melhor compreensão da realidade, do ambiente e da visão juvenil. Os jovens representam um recurso importante da Ibero-América.
<https://www.observatoriodelajuventud.org/>

■ A política conta

Os jovens de hoje definem-se “indignados com a situação sociopolítica”. Trata-se de uma situação que há nos vai adiante com o nome de “crises”, das quais se fala há tanto tempo e cujas consequências tocam os jovens em primeira pessoa: alta taxa de desemprego, cortes econômicos nos serviços e na assistência social, escassas

perspectivas para o futuro. Não menos indignados eles se demonstram diante dos escandalosos casos de corrupção que atingem numerosas personalidades, tanto na política, como no esporte e na cultura.

As notícias sobre a sociedade europeia oferecem um panorama em que os jovens se revelam sempre mais interessados pela política, todavia perigosamente enraizados tanto na esquerda, com os assim chamados “populismos” que fazem caminho em toda a Europa, quanto na direita, com posições que tendem à tutela da identidade e à rejeição de quem vem de fora.

Tal crescente interesse pela política apresenta-se como uma oportunidade também para o associacionismo. Ressurgem os movimentos que reagrupam pessoas com interesses comuns, como aqueles que nos anos oitenta e 90 do século passado, agregavam muitos jovens nas paróquias ou nos centros juvenis e que hoje se apoiam em outros pontos nodais: nas causas políticas, religiosas e ambientais. Este renascimento pode significar que os jovens de hoje estão muito envolvidos na sociedade e se empenham para melhorar seus diversos aspectos, saindo do seu egoísmo e pensando no bem comum.

■ O mundo virtual

O que define os jovens hoje é, sem dúvida, a sua ligação com o virtual. Falando de associacionismo e das boas causas pelas quais se luta, pode-se correr o risco de permanecer implicados na pertença a uma comunidade dentro de uma rede social. Alguns perfis ou identidades dos usuários em rede refletem uma realidade paralela, sobretudo naqueles que pedem a aceitação entre pares.

Dada a prontidão à qual estão se habituando os “nativos digitais”, gerou-se neles uma baixa tolerância à falta de uma resposta imediata. As redes sociais estão onipresentes na sua vida cotidiana, enfraquecendo as relações sociais.

Sempre conectados, enganchados nos seus *mobiles* e colocados nas telas, os jovens mudam o seu modo de agir na família e na sociedade. Entre os jovens há aqueles que começam, mantêm ou rompem relações sem ter (nem desejar) encontros pessoais; aqueles que escolhem passar o tempo livre diante de um computador ou batendo-papo, em vez de sair e ficar junto com os outros;

aqueles que organizam importantes competições de videogames on-line, e são incapazes de compartilhar o tempo de jogo com aqueles com os quais vivem.

■ O que importa realmente

A partir do estudo dos jovens espanhóis emerge que a família e os amigos continuam a ter um lugar privilegiado, onde se fala do que é importante na vida.

O tempo de permanência na família se dilata, alcançando a emancipação e a realização de um projeto pessoal em uma idade sempre mais avançada. As famílias, neste período que é ainda considerado formativo para os filhos, dão muita importância à educação como caminho imprescindível para enfrentar as dificuldades da inserção no mundo do trabalho.

A família não é só o lugar onde se fala de questões importantes, é também o espaço de aprendizagem e de crescimento nos valores. É a primeira escola social que cada indivíduo experimenta. Nela eles adquirem valores, como a dignidade e a retidão, cuja importância está crescendo entre os jovens de hoje.

FÉ, DISCERNIMENTO E ACOMPANHAMENTO

■ Procuram-se ‘acompanhantes’

No contexto atual, como em cada época, os jovens precisam de guias para o seu caminho. É verdade que eles se sentem apoiados pela família, mas é também verdade que em alguns momentos procuram outras pessoas com as quais confrontar-se, antes de dar um passo decisivo na própria vida. Os jovens procuram segurança e, neste sentido, aumentam as visitas às páginas da Internet, ou às consultas ao horóscopo. Não poucos jovens procuram desta forma uma certeza à qual agarrar-se para enfrentar o cotidiano.

No âmbito acadêmico em que se movimentam muitos jovens, é frequente a presença de orientadores e psicopedagogos. Tanto nas escolas como nas universidades é exigida sempre com mais frequência a figura do acompanhante, que se torna imprescindível. Do mesmo modo, no campo do trabalho aumenta progressivamente a promoção de cursos de “coaching”, uma metodologia definida pela *Escola Europeia de Coaching* como “a arte de recolher perguntas para ajudar outras pessoas, por

meio da aprendizagem, na exploração e descoberta de novas convicções, que tem como resultado a realização dos seus objetivos”.

Esta busca de um método ou de uma pessoa que ajude a discernir os próprios passos, vai muito além da pura profissionalização. Quando um jovem tem uma dúvida sobre a carreira universitária a ser escolhida, a dúvida nunca é apenas acadêmica, mas existencial. O educador que pode interpretar a questão lendo nas entrelinhas, sabe que o questionamento sobre uma decisão acadêmica implica também o tipo de pessoa que se quer tornar.

■ Uma resposta educativa e evangelizadora

É rica a tradição da Igreja sobre o acompanhamento. A ele foram atribuídos diversos nomes dependendo de onde se colocou a atenção em cada um dos momentos históricos. Ultimamente preferiu-se o termo “*acompanhamento*”.

Ao falar de formação, transcende-se a dimensão meramente acadêmica ou a psicológica; trata-se sobretudo, de ser preparados para ir ao encontro com Deus e guiar outros ao mesmo encontro, facilitando a relação da pessoa acompanhada, com o Senhor. Neste caso fala-se de testemunho.

No acompanhamento espiritual, o que guia o acompanhado para procurar a vontade de Deus em sua vida e a segui-la, a pessoa que orienta o caminho é aquela que o percorreu por primeiro.

Na preparação ao Sínodo dos Bispos sobre “*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*”, o Pe. Angel Fernández Artime, Reitor Mor, indica na Estreia de 2018 as linhas-guia para ser “acompanhante”, no estilo evangélico. “*Como Jesus fez em cada encontro com as pessoas do seu tempo, é necessário que se faça em todo acompanhamento*”:

- Um olhar amigo, como no chamado vocacional ao Doze (Jo 1, 35-51).
- Uma palavra com autoridade, como na sinagoga de Cafarnaum (Lc 4, 32).
- A capacidade de fazer-se próximo, como no encontro com a mulher samaritana (Jo 4, 3-34.39-42).
- Caminhar ao lado, como fez com os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35).

Todos esses aspectos podem ser descritos como os traços característicos da

empatia. Este termo é definido como a “*capacidade de identificar-se com alguém e compartilhar os seus sentimentos*”, e não se separa dos termos “*compaixão*” ou “*misericórdia*”, que definem Deus no Antigo Testamento. É necessário alcançar esta compreensão da pessoa acompanhada, para acompanhá-la no seu caminho. Por isso, o acompanhante deve libertar-se dos seus preconceitos e das suas ideologias para acolher o outro sem julgá-lo.

■ A proposta salesiana da Espanha

Na estreia de 2018 lê-se que para Dom Bosco “o acompanhamento espiritual à perfeição cristã é parte essencial e necessária da pedagogia salesiana”, um aspecto a mais para a educação integral do jovem, ao lado de sua alimentação, saúde e nutrição. E é assim também para os educadores salesianos convictos de que neste diálogo sincero o jovem possa descobrir o próprio projeto de vida e responder a Deus, a partir da vocação à qual é chamado.

Um traço que caracteriza a proposta salesiana é o ambiente, o grupo. Não se pode renunciar ao colóquio privado, porém a chave para se chegar ao jovem é partir da sua experiência e do grupo, em uma variegada proposta de pastoral juvenil. A partir do modo de estar com e para os jovens, feito de encontros breves, simples e familiares, pode-se chegar mais facilmente ao encontro e diálogo pessoal, franco e confiante, da arte de acompanhar, até alcançar aquele espaço sagrado em que a pessoa confia plenamentete num diálogo-confronto profundo e sistemático.

As Linhas da Pastoral Juvenil evidenciam, de um lado, a importância do acompanhamento e do discernimento pessoal, do outro a necessidade de formar os operadores de pastoral juvenil no acompanhamento espiritual. Na Espanha, no decurso de dez anos, foi organizado um curso sobre o acompanhamento espiritual de jovens para os operadores de pastoral juvenil. Trata-se de uma formação teórico-prática sobre a arte de acompanhar, promovida pelos Salesianos de Dom Bosco e pelas Filhas de Maria Auxiliadora, como resposta à questão eclesial de habilitar pessoas e este ministério (EG 169-1730) e para formar equipes que possam dar impulso a uma pastoral juvenil vocacional. O Projeto

de formação sobre o acompanhamento pastoral de adolescentes e jovens estão estruturados em quatro níveis:

1º nível: Módulo formativo de 8 a 12 horas, para professores, animadores e educadores no âmbito dos cursos de preparação.

2º nível: Módulo formativo de 35 horas em três fins-de-semana, de introdução ao acompanhamento espiritual dos jovens, para professores, animadores e educadores.

3º nível: Módulo formativo de 170 horas em dois anos, para agentes de pastoral e educadores com a vocação para acompanhar pessoas e grupos.

4º nível: Módulo de formação permanente de um fim-de-semana ao ano, para aqueles que foram formados em cursos ou seminários específicos, ou exercem o acompanhamento pessoal.

No 3º nível, que está atualmente na sua quinta edição, formaram-se 80 operadores de pastoral, de toda a região espanhola. A proposta oferecida pela Pastoral Juvenil SDB e FMA, acolhe entre os seus destinatários todos aqueles que, apoiados pelo seu grupo, paróquia ou congregação de origem, desejam habilitar-se neste campo, mesmo se não procedentes dos grupos da Família Salesiana.

■ **Sujeito e objeto do acompanhamento**

A pessoa que exerce o ministério do acompanhamento sabe que também ela é acompanhada. Quem não decide discernir sua vida nas pegadas de Deus, não pode ajudar outra pessoa a fazer o mesmo. Cada pessoa está em formação permanente e o mestre, que é testemunha, continua, ele próprio a orientar a sua existência rumo a uma resposta mais autêntica ao Senhor. A relação de acompanhamento pode também ajudar o acompanhante a aprofundar a própria busca de Deus. Quando o diálogo se faz profundo e considera os aspectos essenciais do caminho, o próprio guia revive e reforça as motivações profundas de sua resposta a Deus.

Este aspecto da arte de acompanhar é fundamental também no grupo. Reconhece-se como uma riqueza salesiana o grupo, onde o jovem é ajudado a crescer e começa a dar os primeiros passos para Deus, graças aos seus educadores. Neste sentido, é uma estratégia confiar aos jovens adultos ou àqueles que já fizeram a sua experiência, o

cuidado dos menores. Assim, torna-se realidade o slogan: “*Jovens evangelizadores de outros jovens*”. Aqueles que, às vezes, são julgados imaturos ou incapazes, tornam-se capazes, adquirem experiência e progridem, eles mesmos, orientados pela própria intervenção educativa e evangelizadora.

A AÇÃO PASTORAL

■ **Educar à fé com um itinerário**

A tradição salesiana é rica de propostas formativas. As orientações emanadas dos Capítulos Gerais dos SDB e das FMA, concretizaram-se, no tempo, em várias propostas segundo o contexto de cada ambiente. Em cada realidade foram adotadas as indicações propostas no *Projeto de Pastoral Unitária* (1985) e nas *Linhas de Orientação para a Missão Educativa* (2004) do Instituto, com a finalidade de acompanhar o processo de crescimento no caminho de fé, dos jovens.

A concretização que se fez na Espanha nos anos 90, levou à elaboração de um itinerário de *Educação à fé* (IEF). IEF é definido como um “*processo educativo global, segundo a lógica da Iniciação Cristã, que, considerando a realidade do ser humano na sua integridade, guia e acompanha o adolescente e o jovem no caminho da maturação cristã no mundo de hoje*”.

Depois de vinte anos, o material do IEF foi renovado pela equipe de educadores SDB e FMA de toda a Espanha, com uma reflexão apresentada na *Guia do Animador*. A proposta se faz depois dos nove anos e acompanha o processo de crescimento na fé, até a inserção na vida adulta.

O material está disponível no Site:
<http://www.pastoraljuvenil.es/>.

■ **O grupo de fé Vida's**

Uma das propostas para acompanhar o caminho de crescimento na fé dos pequenos e dos adolescentes, das FMA na Espanha é o grupo de fé *Vida's*, nascido da reflexão que, nos anos 90, levou à elaboração do IFE.

O grupo *Vida's* oferece a possibilidade de realizar um processo formativo sistemático por meio de um itinerário de crescimento na fé para as crianças, os adolescentes e os jovens, dos 10 aos 19 anos. O objetivo do

itinerário é acompanhar e potencializar nos jovens o encontro pessoal com Cristo, Senhor da Vida, levando-os a um empenho social e eclesial, segundo a Espiritualidade Salesiana.

A finalidade do processo é favorecer a formação humano-cristã da pessoa por meio de uma metodologia experiencial, de grupo, ativa e criativa, segundo o Sistema Preventivo. Durante o seu percurso, são integradas gradualmente as capacidades de:

- Descobrir e dar sentido à própria vida
- Dar a razão da própria fé
- Viver os valores do Evangelho
- Viver a fé em comunidade
- Rezar e celebrar a fé
- Empenhar-se na transformação evangélica da realidade.

A proposta se desenvolve em quatro etapas: VIDA'S I (10-12 anos), VIDAS'S II (12-14 anos), VIDAS'S III (14-16 anos) e VIDAS'S IV (16-19 ANOS). Aos Jovens de 19 anos oferece-se o percurso do Catecumenato Juvenil e, a partir dos 24 anos, entram a fazer parte das Comunidades Cristãs.

Os momentos mais significativos da vida do grupo são as reuniões semanais, o encontro anual de fins de semana, e o campo de verão. Propõem-se também outras experiências de empenho social e momentos celebrativos, com o objetivo de interiorizar os valores e as experiências vividas.

■ No caminho do Amor

“*Acreditamos no amor de Deus*” é a opção fundamental da vida cristã. Não se começa a ser cristão com uma decisão ética ou uma grande ideia, mas no encontro com uma Pessoa, que oferece um horizonte novo à vida, e com isso uma orientação decisiva” (DCE1). O encontro com Cristo, o Acompanhante por excelência, é o que impele os jovens a avançarem no caminho do Amor autêntico, e é a finalidade para a qual todos os acompanhantes orientam.

EM BUSCA *O Caminho de Damasco*

Educadores confiáveis

■ **Mara Borsi**
mara@fmails.it

O estilo de Jesus é confiado aos seus discípulos para que o testemunhem na vida da Igreja, das comunidades educativas. Como educadoras e educadores, somos interpelados a dar razões de vida e esperança às novas gerações.

Vivemos numa época marcada por muitos obstáculos à comunicação da fé. Para muitos contemporâneos a fé não interessa, são indiferentes a toda busca de Deus. Não só, precisamente naqueles que se dizem crentes e cristãos, na verdade a fé parece fraca, com respiração curta, incapaz de manifestar aquela força que transforma a vida, o modo de pensar, de sentir e agir. Nós, cristãos, somos enxergados sempre mais como uma minoria em uma sociedade plural com crenças religiosas, éticas e expressões espirituais que não fazem nenhuma referência a Deus.

■ A pedagogia de Jesus

Na educação à fé, cada comunidade educativa é chamada a fazer referência à pedagogia de Deus, da qual toma o caminho, cada processo de educação cristã. João Paulo II na *Carta às Famílias* indicava: “Acerca da pedagogia divina, instruiu-nos plenamente o Verbo eterno do Pai que, encarnando-se, revelou ao homem a verdadeira e integral dimensão da sua vocação: a filiação divina. E assim revelou qual é o verdadeiro significado da educação do homem. Por meio de Jesus Cristo, toda educação, na família e fora dela, está inserida na dimensão salvífica da pedagogia divina, que é dirigida aos homens e às famílias, e que culmina no mistério pascal da morte e ressurreição do Senhor. A partir deste «coração» da nossa redenção, inicia-se cada processo de educação cristã que, ao mesmo tempo, é sempre educação à humanidade plena” (n. 16).

A referência à pedagogia de Deus orienta cada ação da comunidade educativa. O escopo da educação cristã é fazer uma pessoa encontrar-se com Deus, colocá-Lo no centro e fazer própria a relação com Ele, deixando-se guiar por Ele.

A educação à fé tem como ponto de referência a disponibilidade com que o Senhor se fez companheiro de viagem dos seus dois discípulos, no caminho de Jerusalém a Emaús, prestando atenção às

suas perguntas e interpretando suas expectativas. Também hoje, os adolescentes e os jovens esperam por alguém que se faça companheiro no caminho de suas vidas, no caminho de sua Emaús, símbolo da espiritualidade da escuta e do acompanhamento.

A atenção ao indivíduo é um traço significativo da pedagogia de Deus. O Senhor, na educação do povo de Israel, e o próprio Jesus no encontro com as pessoas, partem sempre de sua situação concreta e, com um caminho gradual, encorajam e oferecem estímulos para conduzi-los a fazer algo a mais e a viver plenamente a sua vida.

As pessoas que encontra, ou que procura, Jesus propõe um caminho gradual: basta pensar no itinerário que propõe aos doze e, em particular a Pedro, que de pescadores incultos são levados gradualmente ao reconhecimento do Salvador, do Messias que deve sofrer até a acolhida da cruz e da ressurreição.

O itinerário que Jesus propõe faz parte de um projeto. Deus não educa “de qualquer jeito”, a sua ação educativa é focada, tem uma finalidade que é a de, em definitivo, tornar-nos “santos e imaculados em sua presença, na caridade... para o louvor e glória da sua graça... para recapitular em Cristo todas as coisas, as do céu como as da terra, e tornar-nos “participantes da natureza divina”.

Agradualidade na educação não tem necessariamente uma progressão evolutiva sem rupturas ou impulsos generosos sem regressões. O caminho da conversão não acontece de modo progressivo, indo adiante sem repensamentos ou situações de suspenses ao acolher o convite de Jesus para segui-lo. É o caminho da conversão que requer um salto de qualidade.

■ Credibilidade e afabilidade

Enzo Bianchi, Fundador e Prior da comunidade monástica de Bose, afirma que Jesus em primeiro lugar mostrou-nos uma necessidade: quem inicia outros na fé ou a quer gerar, deve ser acreditável, confiável. A credibilidade de Jesus nascia principalmente de sua postura convicta, de sua coerência entre aquilo que pensava e dizia e aquilo que vivia e fazia. Não eram somente as suas palavras que ao alcançar o outro conseguiam vencer as suas resistências para crer; não era um método ou uma estratégia pastoral a

suscitar a fé: era a sua humanidade marcada – segundo o quarto Evangelho – por uma plenitude de graça e de verdade (Jo 1,14).

Graça e verdade que diziam a autenticidade e a coerência de Jesus, não deixando espaço algum entre suas convicções e aquilo que dizia e vivia.

Encontrando Jesus, todos percebiam que não existia fratura entre as suas palavras e os seus gestos; os seus sentimentos e o seu comportamento. E é precisamente desta sua integridade que nascia a sua autoridade que impelia os homens a exclamarem com estupor: «O que é isto? Uma doutrina nova ensinada com autoridade» (Mc 1, 27); e a constatarem que ele não ensinava como os escribas (cf. Mc 1, 22), por profissão, como quem tem apenas uma competência técnica.

Se acontecia uma persuasão de homens e mulheres na escuta de Jesus, era sobretudo causada pelo testemunho, não por uma soma de palavras. Pode-se também dizer que em Jesus havia a capacidade de testemunhar com suas ações, mesmo sem as palavras; e, parafraseando um dito tradicional dos padres do deserto: “bastava vê-lo”. Na pedagogia, na educação à fé, o iniciador deve então ser confiável. Certamente não é possível para nós, alcançar a coerência vivida por Jesus, este homem em quem Deus transparecia; mas também para nós, o ser confiável depende da nossa coerência, e a nossa confiabilidade é decisiva na educação à fé e na sua transmissão. E se for verdadeiro que a nossa fé é sempre frágil, basta colocá-la na fé de Jesus Cristo, ele que é «a fé perfeita» segundo a definição de Inácio de Antioquia.

Jesus Cristo, o nosso pedagogo, traçou para nós o modelo da verdadeira vida, e educou o homem que n'Ele vive.

Assumamos então o salvífico estilo de vida do nosso Salvador, nós filhos do bom Pai, e criaturas do bom pedagogo.

(Clemente Alexandrino, ‘O Pedagogo’ I, 98. 1.3)

A formação de Líderes comunitários confiáveis

A Pastoral Social Caritas Equador está promovendo, desde 1 de junho de 2015, um projeto formativo inspirado na filosofia do desenvolvimento humano integral. O projeto pretende promover um modelo de formação e de ação que, partindo das premissas éticas e sociais, renove e enriqueça as capacidades de acompanhar eficazmente as comunidades mais marginalizadas na transformação de suas condições de vidas, por meio do alcance da soberania alimentar das famílias e a melhoria da saúde; promovendo atividades sócio-produtivas para aumentar suas fontes de renda; favorecendo o associacionismo e a cidadania ativa, por meio de um trabalho de rede em nível nacional e territorial/local, no nível das das jurisdições eclesiais. O projeto quer dotar os líderes comunitários, principalmente jovens e mulheres, dos instrumentos necessários, seja para o desenvolvimento integral das comunidades, seja para a formação técnica específica que permita melhorar a gestão produtiva e a comercialização de produtos agrícolas e não agrícolas.

A intervenção envolve áreas comuns de uma particular vulnerabilidade que, mesmo na sua diversidade, compartilham alguns aspectos: a população vive prevalentemente em áreas rurais com percentuais de pobreza, e pobreza extrema, que representa uma das principais causas da exclusão, desigualdade e vulnerabilidade individual e social.

Por meio da implementação da *Escola Nacional de Desenvolvimento Humano Integral* pretende-se alavancar a formação como fator de desenvolvimento, por meio da qual se promove a participação em percursos profissionalizantes em diversos âmbitos: *do artesanato à valorização do material de reciclagem, do bio-edifício à agricultura, do âmbito social e educativo ao da soberania alimentar, do empoderamento ao caráter empresarial feminino*. Para potencializar a ação da Escola será feito um *Ofício de Economia social e Solidário* que operará na difusão capilar das novas capacidades e competências desenvolvidas pelos beneficiários, a fim de que estes possam ter um impacto concreto sobre o desenvolvimento e o crescimento das comunidades. A realização da intervenção acontece com a aproximação participativa que se baseia na pertença comunitária e implica o envolvimento ativo dos beneficiários diretos, indiretos e potenciais: todos os atores são envolvidos na criação de uma *ownership* (propriedade) local. Esta aproximação é um importante elemento de democracia local que garante eficácia na promoção do desenvolvimento.

EM BUSCA *Horizonte família*

Que esperanças para os jovens

■ Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

“Entende-se como o desemprego e a precariedade de trabalho se tornam

sofrimento, como se registra no pequeno Livro de Rute e como lembra Jesus na parábola dos trabalhadores que estão sentados num ócio forçado, na praça do lugar (cf. Mt. 20, 1-16). É isso que a sociedade está vivendo hoje em muitos Países, e esta falta de trabalho afeta de diversos modos a serenidade das famílias”

Teria sido redutivo enfrentar o tema do amor e do matrimônio sem tocar o problema do trabalho e do crescente desemprego, em muitos Países do mundo, por causa da crise e da mercantil e injusta organização do mundo do trabalho. Fundar uma família da parte de dois jovens, não supõe apenas amor fiel e confiança no futuro, mesmo quando nem tudo está no lugar, quando os móveis e a casa não são os desejados, mas supõe também ao menos um mínimo de base econômica, que permita sustentar dignitosamente a família, sem contar com a dependência dos pais. O senso de responsabilidade de dois jovens com relação a si mesmos, aos pais, aos filhos que virão, impõe não dever recorrer mais do que o suportável aos pais, presumivelmente anciãos, que trabalharam uma vida e, talvez, por garantia, já firmaram o mútuo aos filhos, dando tudo aquilo que podiam, para fazer nascer a nova família. A falta de trabalho é um obstáculo grande e objetivo para a formação da família e para a procriação.

■ Fenômeno NEET

Não é para se admirar se o fenômeno NEET aumenta (acrônimo de “*not (engaged) in education, employment or training*”, ou seja, jovens não empenhados no estudo, nem no trabalho, nem na formação, de idade compreendida entre 16 e 24 anos, mas ampliável até 35 anos para mais) no Reino Unido, vai-se difundindo no Japão, na China, na Coreia do Sul, na Itália... De acordo com o Istat, na Itália os NEET seriam cerca de 2 milhões (21,2%). Entre os Países OCSE, em 2012, o primeiro na classificação foi o México e logo depois, a Itália, onde em 2016, o OCSE estimou que os NEET seriam um terço dos jovens. Calcula-se um aumento de +10 pontos percentuais entre 2005 e 2015, medida superior, comparando com outros Países OCSE.

Também as matrículas nas Universidades estão baixando em toda parte, sobretudo nos ateneus do Sul da Itália: em dez anos calculam-se 65 mil matrículas a menos, com uma baixa de 20% dos diplomados que escolhem continuar os estudos. É uma perda que mina gravemente o potencial de crescimento do País, precisamente porque é sinal da perda da confiança na relação entre estudo e trabalho. Os jovens veem a Universidade, como foi escrito, em estado de “respiração assistida” e não pensam mais que ela seja um ‘ascensor social’. As próprias famílias não se animam em investir na formação dos filhos, se depois o sobrinho ou o amigo diplomado acabam trabalhando como operários – quando vai bem – ou com os precários “Call center”.

■ Abandono universitário

O declínio dos inscritos na Universidade é sinal do declínio da confiança no sistema. Mesmo as empresas, na verdade, não atraem o seu pessoal, não acreditam mais que a Universidade seja o canal excelente para a preparação de pessoas competentes. Até mesmo quem compartilha as várias tentativas de reforma, duvida que os esforços trarão bons frutos de revitalização da Universidade. Os estudantes que decidem matricular-se, nem sempre o fazem concentrando-se na utilidade do diploma no mercado de trabalho. Muitas vezes estão conscientes de estacionar felizmente à espera de uma chance inesperada de trabalho, desfrutando dos amigos e do sustento da mãe e do pai. Confirma-o a escolha de faculdades que têm reduzidíssimas perspectivas de oportunidades de trabalho. Os pais fadigam para convencer os filhos a procurarem faculdades mais promissoras. Os jovens preferem seguir seus gostos, também porque fazem um raciocínio realista: se agora nenhuma faculdade é capaz de garantir uma dignitosa profissão rentável e, se encontrar um lugar de trabalho é como ganhar na loteria, vale a pena fazer aquilo que me agrada, e desafiar a sorte.

Vamos considerar duas áreas: a escolha da Jurisprudência e a aspiração para tornar-se Pesquisadores. A abundância de advogados, que apenas em Milão são a metade de toda a França, desaconselharia tal faculdade a qualquer pessoa razoável (isso vale também para a psicologia, por

exemplo). No entanto, trata-se de uma faculdade desejada pelos jovens, que continuam a inscrever-se no ritmo de 15 mil por ano. Cada um de nós conhece jovens advogados e advogadas que fazem estágio, e ganham – na melhor das hipóteses – 500 euros por mês. Contentam-se com aquela humilhante soma para pagar a gasolina, a pizza, o cigarro, continuando a sobreviver apoiados nos pais, obrigados a serem até o fim dos seus dias, os bastões da juventude dos filhos!

No final das contas – pensam – estamos melhor do que colegas que trabalham como operadores ecológicos ou estão em qualquer emprego para fazer fotocópias e preparar o café. Um jovem desanimado escreveu sobre o forum de *mininterno.net*: “Na Itália não há trabalho para 230 mil advogados: a menos que não nos denunciemos todos mutuamente, uma vez por semana, mas não é o caso. O neo-advogado, depois de cinco anos de estudo, vinte mil euros de despesas e dois anos de estágio gratuito, tem à sua frente dois caminhos: passar fome ou aderir ao que vier... Para esta advocacia, suspensa entre ansiedade e sobrevivência, os americanos têm um nome: *ambulance chasers*, aqueles que correm atrás das ambulâncias, farejando ações de reparação”. Como culpá-los?

■ Fuga de cérebros

Que dizer então dos melhores cérebros que abandonam o País? Quem é ou foi docente universitário, como no nosso caso, sabe que existem não poucos jovens com os documentos em dia, aspirando a ficar no campo da pesquisa depois da formatura, e ao doutorado, porém, devem render-se diante das portas fechadas. Nós os encontramos pontualmente empenhados em trabalhos sub-qualificados, relativamente à suas competências: recursos desperdiçados. Estes jovens olham com admiração para aqueles que fugiram da situação e, com a ajuda dos pais, procuram trabalho no exterior: a “fuga dos cérebros” é, aos seus olhos, uma solução para a elite dos salvos. Quando podem, partem todos; se ficam é porque têm problemas de família e não podem emigrar. Para não falar daqueles pesquisadores e docentes que abandonam o campo, cansados de um ambiente frustrante, de colegas submissos ao sistema, mergulhados em horas de aulas, que correm

de uma cidade para a outra, de uma conferência para a outra, até parecerem mais ineptos do que pessoas de cultura.

Como culpar jovens desencantados, que constatarem que o diploma não lhes assegura uma posição dignitosa nem lhes permite formar uma família? Os NEET preferem estar em stand by. Por que deveriam investir na fadiga do estudo para obterem depois a escravidão pós-moderna do trabalho intelectual? Como acreditar que o investimento econômico dos pais será frutuoso e que um belo currículo produzirá um bom trabalho? Não será apenas o deixa-passar para o “bem-vindo ao clube dos desocupados”, como repetem os amigos em tom sarcástico? Sobretudo, como pensar em casar-se e formar uma família?

Os adultos têm boas razões para lamentar-se dos jovens NEET, que bamboeiam de dia e bebem à noite. O pior é que se sentem impotentes quando se trata de dar as razões da esperança, de evitar quedas depressivas, dependências e outras tentações, colocando-se do seu lado: cada ano, terminadas as férias, os mais valentes se dispõem a arregaçar as mangas para estudar, levantar-se na hora certa, talvez, tomar as conduções para chegarem à escola ou à Universidade. Recomeçam como no ano precedente, mas parecem mais desanimados, com motivações extraordinariamente baixas, agravadas por um mundo de informações globais que, para encontrar uma notícia boa, é preciso realmente ter sorte: um outono quase sempre quente, a crescente diminuição do consenso político, a corrupção generalizada nos partidos, no governo, nas empresas, nos bancos. *Como dar tão pouco aos jovens, aos quais pede-se para constituir família, tornar-se pais e gerar filhos? Como nestas condições fazer ressurgir a confiança?* É sabido que nenhum País pode crescer somente graças ao cálculo do PIS, aos decretos, às sentenças, se os seus cidadãos perdem a confiança. Este é o recurso principal de uma nação. Os estudiosos o confirmam valorizando o “capital humano”, um capital teoricamente exaltado e, de fato, subestimado nos cálculos da realidade! Nunca, talvez, como neste período histórico, o desejo dos jovens foi tão impedido de dar um sentido à própria vida e de empenhar-se na busca dos seus objetivos.

EM BUSCA # *Mulher*

Os jovens e o amor

Paolo Ondarza

Paolo.ondarza@gmail.com

O que é o amor? Aquilo que vemos em uma soap opera ou em um reality show? “O amor é concreto e é casto”, disse o Papa Francisco aos jovens de Turim, em junho de 2016. Uma exortação a ir contracorrente, a não acreditar em slogans que, no campo da afetividade, são mestres em falsificação, vendendo “vidro no lugar de diamantes”.

Emprestando esta metáfora do Santo Padre: *quanto é difícil, hoje, para um jovem adolescente encontrar o diamante da realização afetiva?* É uma pedra preciosa ao alcance das mãos, mas cujo brilho é muitas vezes ofuscado por tantas banalizações da sexualidade, empobrecida ou barbarizada por conteúdos pornográficos sempre mais acessíveis. Quanto é árduo ajudar um jovem a acolher o próprio corpo assim como foi criado, a descobrir uma feminilidade que se revela completamente, no encontro com o masculino e vice-versa. Para amar é indispensável conhecer-se, amar a si mesmo e o próprio corpo.

Neste pressuposto, fundamenta-se o programa internacional para adolescentes Teen STAR-Sexuality Teaching en the context os Adult Responsibility – desenvolvido nos Estados Unidos nos anos Oitenta, por obra da ginecologista Hanna Klaus, hoje difundido em mais de 40 Países e seguido por mais de 35.000 pessoas por ano.

Na Itália, o Teen Star é coordenado por uma mulher, a pedagoga Donatella Mansi. O seu olhar comunica o entusiasmo com que desenvolve sua atividade com os jovens: «Alguns estudos internacionais – explica – demonstraram a eficácia do nosso projeto no que diz respeito à idade de início não precoce das experiências sexuais, a interrupção de comportamentos sexuais em risco e a redução da gravidez precoce. É sempre mais evidente que os jovens começam o seu caminho humano sem conhecer-se, com uma pergunta de fundo

não expressa: *quem sou eu? Por que eu existo?* Parecem estar “constrangidos” a viver em um eterno presente onde tudo é objeto de espetáculo e partilha superficial. Respondemos às suas perguntas fazendo-os conhecer a beleza e a harmonia do corpo, na sua dimensão objetiva, comum à mulher e ao homem de qualquer latitude e longitude. Para crescer e alcançar uma sólida identidade pessoal, o adolescente deve poder integrar a recém desabrochada capacidade sexual, e o profundo desejo de amar e ser amado, com o processo de identidade em andamento. Este é o desafio do qual uma educação integral não pode subtrair-se».

Doutora Mansi, por que é preciso aprender a afetividade? Não é algo de instintivo?

Na era digital assistimos a uma progressiva mudança dos costumes sexuais socialmente compartilhados, sobretudo entre as novas gerações. O mundo dos adultos parece ainda não perceber. Na Itália as estatísticas notificam uma baixa na idade média da primeira relação sexual, que se coloca em torno dos catorze anos, e uma tendência, sempre crescente, a uma menor “exclusividade sexual”.

A adolescência é uma fase de transição caracterizada por mudanças em nível físico, psicológico e social. Neste período o grupo de pares assume uma importância sempre crescente em comparação com os pais. É precisamente dentro das relações com os coetâneos que os adolescentes começam a se pensar como possíveis parceiros sentimentais, instaurando as primeiras relações, muitas vezes acompanhadas por um novo interesse pela sexualidade. Empenhar-se em uma relação afetiva com um parceiro e confrontar-se com a própria capacidade sexual é uma das tarefas de desenvolvimento para esta fase da vida. Os adolescentes podem chegar à decisão de confrontar-se com a sua capacidade sexual com uma escolha madura e consciente, ou por meio de uma escolha forçada e influenciada pelo parceiro ou pelos colegas. Para que a descoberta da sexualidade seja uma experiência positiva, é necessário chegar a uma certa “maturação”. Os jovens devem poder ser capazes de controlar impulsos e emoções respeitando as exigências do parceiro, serem capazes de controlar e opor-se a eventuais tentativas de

manipulação, saber avaliar as consequências dos próprios comportamentos no plano relacional e reprodutivo. Nos adolescentes mais jovens e imaturos essas competências podem faltar, ou não estarem ainda desenvolvidas, aumenta, então, deste modo a probabilidade de comportamentos em risco, que podem conduzir a resultados negativos bastante sérios: banalização e uso do corpo, infecções em transmissão sexual, gravidezes indesejadas.

Como intervindes?

Os jovens que participam são acompanhados por tutores, por meio de exercitações, dramatizações, discussões em grupo. Durante o desenrolar do programa são previstos momentos de encontro com os pais, pois, é necessário que compartilhemos objetivos do programa e que sejam, também eles, protagonistas.

Até que ponto é importante o papel dos pais?

É muito importante. Os nossos filhos precisam ser olhados e escutados, sem paternalismos. Educa-se o coração com a confiança. Quando desde a infância os pais são unidos, as crianças aprendem que podem falar de tudo, sabem que, mesmo quando erram e há uma reprovação, recebem um amor incondicional. Durante a puberdade surgirão, é inevitável, os conflitos geracionais mas, o papai e a mamãe existem, esperam, às vezes deverão pôr “estacas” mas, “eu pertenço, sou parte deles”. Juntos julgam as circunstâncias, falam sobre o que acontece no mundo, decidem o que fazer, comentam um filme, julgam um comportamento e dão reciprocamente as razões da esperança diante das dificuldades, das doenças e da morte. Juntos aprendem a amar quando se é amado. Quando não existe esta relação familiar fundante, as jovens e os jovens têm medo de viver, não querem crescer, ficam atrás de modelos com os quais identificar-se. O grupo dos colegas torna-se, então, uma âncora à qual agarrar-se e, então, os comportamentos não são de escolhas pessoais ponderadas, mas de regras a serem seguidas, para serem reconhecidos. Epifenômeno deste desconforto silencioso são algumas patologias relacionais como a anorexia, as dependências, o cyberbulismo, o sexting, etc.

Vós trabalhais na Europa, na América Latina, na África: contextos profundamente diferentes. Os desafios são os mesmos?

Até 20 anos atrás, o processo cognitivo era dedutivo, fundado em axiomas universalmente reconhecidos e, portanto, objetivo. Na idade evolutiva, a aprendizagem era sempre mediada por uma relação que, dando valor a pessoas e coisas, colocava em andamento o processo da identidade, a descoberta de si na relação com os outros. Na era digital foi mudado o paradigma do processo cognitivo: as novas gerações conhecem de modo indutivo e o processo cognitivo está ligado à experiência subjetiva de cada um; pode-se prescindir dos tempos da relação e a comunicação se realiza em um “não-lugar” onde a dimensão corpórea desvanece, longe das tangíveis modalidades de relação com a realidade. Não obstante isso, o corpo continua a ter uma série de exigências, exercendo uma atração poderosa. Os nossos jovens, no plano intelectual, são emancipados e seguidos, enquanto no fronte relacional e afetivo, nós os vemos sempre mais desorientados e à mercê de impulsos e emoções. Eles não têm competência emocional. Compartilhamos estas reflexões com os responsáveis de cada País no Congresso Internacional que se realiza a cada dois anos, num País diverso: no próximo ano estaremos em Santiago, no Chile.

Qual é o papel dos vossos tutores?

A figura do Tutor Teen STAR é um elemento indispensável. O Tutor tem o dever de acompanhar os adolescentes na descoberta do corpo com os seus ritmos biológicos para viver de modo livre e responsável, uma experiência madura da sexualidade. O conhecimento do dinamismo biológico do próprio corpo é, para os jovens, muito importante: descobrem a beleza da reciprocidade no amor, e adquirem a consciência de que o outro é o sujeito do encontro, aquele ao qual dou a mim mesmo e do qual recebo o amor que realiza a minha humanidade. Aprendem a perceber a harmonia que regula a estrutura do corpo, as suas leis, os seus limites, as suas fronteiras ineludíveis já inscritas no nosso ser, desde a concepção. Observando e descrevendo o feminino e o masculino, na sua absoluta diferença, da formação do cérebro ao

comportamento, descobrem a presença da potencialidade generativa inerente à estrutura das pessoas, e identificam a ordem e a beleza de um equilíbrio biológico perfeito.

EM BUSCA *Focus*

Jovens e a economia

| Alessandra Smerilli, FMA

Alessandra.smerilli@gmail.com

Os modelos econômicos que têm guiado o desenvolvimento e o comércio, estão nos levando por um caminho não mais transitável, e entendemos isso observando as repetidas crises financeiras, o ambiente, mas também o aumento da desigualdade em nível mundial. Para citar um só dado, em 2016 oito pessoas no mundo possuíam a mesma a riqueza de três bilhões e meio de pessoas, isto é, da metade mais pobre da população mundial. No ano precedente eram dezesseis.

Os jovens não estão lá, mas se fazem ouvir. Com entusiasmo, e graças às possibilidades de conexão, constituíram um network mundial que começou a criticar os modelos econômicos e a maneira como a economia é ensinada. Para citar somente um exemplo, em janeiro de 2015 um grupo de estudantes de economia iluminou a fachada do Sheraton Hotel, de Boston, para acolher os participantes da conferência anual da *American Economic Association*, com escritos provocadores do tipo: *is economic growth killing the planet?*

Nos confrontos com a exploração do trabalho estão começando as primeiras rebeliões, as primeiras greves: pensamos nos trabalhadores do *Amazon*, ou da *Rayanair*, que ultimamente se rebelaram contra um trabalho considerado não digno. A palavra *Sustentabilidade* está se tornando hoje a palavra-chave de uma economia e de uma vida que os jovens desejam.

■ Economia e limite

A teoria econômica, infelizmente, tem tido muita dificuldade para entender a sustentabilidade, e isso por vários motivos. Um primeiro motivo é a ausência da categoria do limite. Quando, por exemplo, em microeconomia se constroem as curvas da indiferença, que permitem a escolha entre os diversos bens, um dos princípios fundamentais, chamado axioma, é o *princípio da não saciedade*. Tal princípio postula que, no mesmo nível de outras condições, um consumidor escolherá sempre, entre duas, a cesta com maior quantidade de bens. Ter mais é sempre melhor, isso parece sugerir a teoria econômica. É claro que o centésimo par de sapatos dará uma utilidade adicional muito menor do que o segundo par, e este é o princípio da utilidade marginal que cresce com taxas decrescentes, mas, um par de sapatos a mais é sempre melhor. Em outras palavras, a utilidade adicional derivada do consumo de um bem nunca poderá ser negativa. O princípio da não saciedade é acompanhada também pelo processo de maximização da utilidade: o objetivo do consumidor é maximizar a própria utilidade, o objetivo do produtor é maximizar os benefícios e minimizar os custos. Tais lógicas nos fazem entender como seja difícil falar de limite em termos econômicos, a menos que este limite não vá fazer parte dos vínculos, mas ter um limite não poderá nunca ser um objetivo a ser alcançado.

Em segundo lugar, no tempo assistimos ao eclipse da Terra entre os fatores produtivos: nos primeiros modelos econômicos os fatores produtivos foram dados a partir do solo, capital e trabalho. No tempo ficaram somente capital e trabalho, e a terra desapareceu.

Uma contribuição interessante ao encontro entre economia e limite, nos chega da Índia e de Gandhi, que formulou, entre suas múltiplas reflexões, alguns princípios econômicos. A sua regra geral era: *o menos deve ser preferido ao mais*. Pois, quando for possível, é mais inteligente ter menos coisas, esvaziar-se em vez de encher-se, utilizar o essencial e não o supérfluo. *Por que devo ter cinco propriedades se me bastam quatro?* No humanismo gandhiano, o que está a mais não é sinal de abundância, mas de desperdício e, portanto, de irracionalidade. Porém, a sua primeira lei econômica, que exerce um certo fascino sobre nós, é

exatamente o oposto da lei que colocamos como fundamento do capitalismo ocidental e da sua teoria econômica.

■ Economia e inovação

Hoje, as críticas aos atuais modelos de desenvolvimento estão, pouco a pouco, se transformando em propostas inovadoras e em novos olhares sobre os sistemas econômicos. Como o de Kate Raworth que, no seu livro **A economia da ciambella** (*The Doughnut Economics*) descreve os objetivos de longo prazo da humanidade, com a imagem de uma ciambella, isto é, de dois círculos concêntricos. Dentro do círculo interno (no buraco) encontram-se as privações críticas para a humanidade (analfabetismo, fome, etc.): para além do círculo externo, que representa o teto ecológico, estão a degradação ambiental, as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, etc.

Entre os dois círculos, a chamada ciambella: o espaço dentro do qual podemos satisfazer as necessidades de todos os limites do planeta. A autora descreve, portanto, os objetivos econômicos que necessariamente devemos nos impor para ficarmos dentro dos limites da ciambella.

Em uma passagem se detém sobre o princípio da não saciedade e sobre o crescimento: “metáforas espaciais como ‘o bom está no topo’ e ‘o bom está na frente’, se enraizaram profundamente na cultura ocidental, modelando o nosso modo de pensar e falar” (p. 61). E conclui que é necessária uma profunda mudança em nossas metáforas: de ‘o bom é para o alto’, para ‘o bom está no equilíbrio’.

Os impulsos para uma economia reconciliada com o planeta, com as pessoas, com as relações, devem confrontar-se com aquela que é definida hoje como a quarta revolução industrial: o veloz e inexorável processo rumo à digitalização e robotização do trabalho. Em um estudo da OCSE, sustenta-se que nos próximos dez anos 9% dos trabalhos atualmente existentes, desaparecerão porque serão substituídos pelos Robôs, e 35% sofrerão uma transformação.

■ Robotização

As questões postas pela robotização e pelo desenvolvimento da ‘Inteligência artificial’, nos interrogam sobre qual é o componente específico e a qualidade

humana do trabalho relativamente às mecânicas: a história ensina que não é a energia, não é a velocidade e, agora, que também a cognição e a adaptabilidade à situação não são especificidades somente humanas. Os robôs já podem fornecer diagnósticos psiquiátricos e escrever poesias, existem automóveis que não precisam de motoristas. Estas transformações abrem perspectivas muito interessantes: muitos trabalhos chatos e repetitivos poderão ser feitos pelas máquinas, a produção não será mais de massa, mas se tornará, com o desenvolvimento das impressoras em três dimensões, quase personalizada. A revolução é epocal: será preciso aprender a interagir com as máquinas, e o próprio conceito de trabalho mudará, assim como mudou ao longo da história. Há um século atrás, o percentual de 60% dos trabalhadores nos Estados Unidos, trabalhava nas fábricas ou nos campos, enquanto hoje este percentual baixou para 20% e, desde então, o mercado americano criou mais de 100 milhões de postos de trabalho. Assim, nos próximos anos veremos novas profissionalizações e aumentará a necessidade de trabalho com um alto conteúdo criativo. Um outro aspecto positivo da robotização é que os robôs e os processos de automação coligados, substituirão máquinas produtivas poluentes e obsoletas, e isso sucederá em favor do ambiente e da sustentabilidade.

Neste contexto emerge sempre mais a importância das *soft skills* e das competências transversais, para preparar-se ao sucesso na vida e no trabalho. De fato, numerosas pesquisas evidenciaram que as maiores dificuldades que os jovens encontram na inserção no mundo do trabalho, não estão ligadas às carências cognitivas ou técnicas, mas em estar num contexto de trabalho adequado, em saber analisar e resolver um problema, em saber comunicar de maneira assertiva, em saber administrar as próprias emoções. Trata-se, isto é, de problemas ligados às *soft-skills*.

As competências transversais não são dotes naturais, mas, como todas as competências, devem ser aprendidas e desenvolvidas em um grupo no qual as transformações do trabalho levem a atitudes proativas para aceitar os desafios do contexto, jogar com suas regras, libertar-se

dos condicionamentos do contingente, para melhorar a si mesmos na descoberta de sempre novas potencialidades.

A educação informal ou não formal é fundamental para o desenvolvimento das *sfts-skills*, hoje reconhecidas como competências importantes para o florescimento humano, a valorização dos talentos e a realização em âmbito de trabalho. Num momento em que muitos se perguntam sobre como ajudar os jovens a desenvolverem as competências transversais, é importante notar que no nosso carisma existe uma tradição muito robusta de atividades que contribuem para aumentar as *soft-skills*: desde o oratório até as atividades de animação, de serviço, de crescimento em grupo, etc. Claro, ter experiência não significa ter adquirido competências. É preciso que as pessoas que ajudam os jovens a relerem aquelas experiências, compreendam em que elas os ajudam a crescer e quais capacidades e competências podem ser desenvolvidas a partir delas. Este patrimônio deveria ser usado, reconhecido e valorizado e, direi, também assegurado como parte integrante de uma formação que faz a diferença, contribuindo para o crescimento de pessoas sólidas, em uma sociedade cada vez mais líquida.

EM BUSCA *A Voz dos jovens*

A caminho rumo ao Sínodo

Elena Rocchi

info@spgmodena.it

Eu me preparo para percorrer alguns caminhos traçados pela Pastoral Juvenil da Diocese de Modena-Nonantola, agradecida ao Santo Padre, o Papa Francisco, por ter convocado este Sínodo que propicia aos jovens um tempo fecundo para redescobrirem e experimentarem o amor e o cuidado da Igreja, que é mãe: «Queridos jovens, eu quis que vocês estivessem no centro da atenção porque os trago no coração. Jesus também dirige a vocês o seu olhar e os convida a irem

até Ele. Encontraram este olhar? Ouviram esta voz? Sentiram este impulso para colocar-se a caminho?

No coração do verão, um grupo de 70 jovens de 16 a 30 anos, procedentes de todo o território da Diocese, inaugurou o caminho para o Sínodo, no cenário encantador dos Dolomitas, respondendo àquele convite que ainda hoje ressoa nos corações com todo o seu fascínio, para descobrirem novos horizontes de sentido e de esperança: “Vinde e vede” (Jo. 1, 39).

■ Em grupo

Guiados pelo Bispo, Dom Erio Castellucci, partimos em grupo, calçando as botas e levando nos ombros a mochila de peregrinos, com o essencial: o mapa-carta da Bíblia e a bússola do documento preparatório para acompanhar os jovens na escalada dos caminhos da fé e do discernimento vocacional, orientando os passos e o desejo rumo à meta.

Desde o nascer do sol até o seu ocaso, fomos iluminados pela Luz da liturgia, imersos na criação, para contemplarmos as maravilhas da sua Beleza e, no coração da noite, reacendemos os sonhos perscrutando o céu estrelado. Fomos alimentados pelo Pão partido da Vida, para haurirmos força e vigor para a caminhada, dessedentar-nos na fonte inexaurível da Palavra de Deus, e respirarmos o ar fresco e bom de uma nova fraternidade. À noite, foi inevitável uma parada junto ao refúgio para restaurarmos as forças, depois do cansaço da subida e, também, para escutarmos a palavra preciosa e sábia da Guia. As catequeses do Bispo, Dom Erio, delinearam as etapas fundamentais para “descobrir e inventar” a própria vocação no caminho eclesial, acompanhados pelo Evangelho e pela presença dos acompanhantes: «Então, a vocação é descoberta ou invenção? Eu acredito que são os dois: é descoberta, porque Deus chega antes de mim e não sou eu que lhe devo sugerir o melhor caminho para a minha vida: Ele já está presente e tem um sonho para mim. É invenção porque me permite acrescentar algo meu, por meio do contato com a Palavra de Deus, uma vida de Igreja e um acompanhamento espiritual». Estas atenções são fundamentais para um bom discernimento vocacional, pois, treinam a liberdade para buscar, acolher e

reconhecer as situações, as pessoas, as atitudes e os desejos preciosos, semeados ao longo do caminho. Os arpões e a picareta não podem faltar para transformar em oportunidades de crescimento, os possíveis perigos ou os obstáculos inesperados e, assim, prosseguir seguros, com passo constante, rumo à meta que, no fundo, é o verdadeiro motor para se chegar a empreender, com confiança, um caminho que possa sustentar a palavra para sempre: *“todas as vocações são chamadas pelo único amor: a maior dessas vocações é a tua!”*.

Testemunho

João, 24 anos, estudante universitário e educador na paróquia da sua cidade, relata: *«Os dias transcorridos foram uma ocasião preciosa para começar a refletir sobre o Sínodo dos jovens. O Bispo, Dom Erio, ajudou-nos a aquecer o coração (e as pernas) para o caminho rumo a esta etapa importante que espera por nós, por todos os jovens. Entendemos que o ponto de partida de cada vocação, é saber que o Senhor permanece sempre “conectado” conosco, porque o seu amor não se desconecta nunca. Não, Ele pensa em nós, (desde) sempre, chama-nos sempre pelo nome porque reserva para nós grandes coisas. Como cantamos muitas vezes naqueles dias, é o “Deus do impossível” que de nós espera apenas um “sim” livre e generoso para desenharmos, juntamente com Ele, o nosso futuro. Voltando para casa percebi que Deus realmente nos “chamou” para esta experiência, para lembrar-nos que nos fez como um prodígio, e que no coração de cada um de nós escondeu um tesouro, o seu sonho sobre nós, a ser descoberto e continuado, a ser escrito juntamente com Ele para fazermos de nossa vida uma obra prima»*.

■ Enviados...

No retorno das montanhas, não existe nada de mais belo do que lembrar e exclamar: «Não nos ardia ao coração?» (Lc 24, 32). O ícone dos discípulos de Emaús é escolhido para percorrermos os caminhos do novo ano da Pastoral, esboçando os traços e o estilo ducativo de Jesus que nos chama a colocar-nos a caminho com confiança, acolhendo o dom e o mistério de cada jovem, nenhum excluído: *«O educador é aquele que acompanha no caminho, faz apreciar a sua beleza, atrai o olhar sobre as pequenas*

coisas da estrada. Sabe qual é a meta, mas ajuda o jovem a não queimá-la, a ganhá-la, um pouco por vez. Não comete o erro de sentar-se, indicando do alto, quais passos dar, como evitar ficar fora da estrada, como realzar-se; não: o educador caminha lado a lado com os jovens, mantém o seu passo, encoraja-os e os ajuda a ler o sentido do caminho, valorizando também o cansaço. Os jovens precisam sentir que os seus educadores não são super-heróis, mas mulheres e homens que acreditam na meta, no Evangelho de Jesus e, mesmo cansados, procuram atingi-la».

A primeira atenção do serviço diocesano está voltada ao cuidado dos caminhos de formação dos educadores para que, na partilha de significados e de experiências, possam descobrir a beleza de serem chamados a educar e a anunciar o Evangelho em equipe, enviados pela comunidade cristã; crescendo na arte pedagógica e espiritual do acompanhamento.

O caminho rumo ao Sínodo nos convida também a sair ao encontro das paróquias e das realidades juvenis presentes no território, com o desejo de construir pontes, tecer relações, colocar em rede e valorizar os dons, as riquezas e as boas praxes pastorais. O cuidado das relações e a escuta dos jovens permanecem o coração pulsante do nosso serviço que nos conduz a caminhar num estilo sinodal permanente, dócil ao sopro do Espírito que nos convida a fazer novas todas as coisas, para escarmos com coragem e criatividade, os caminhos novos da Pastoral Juvenil.

EM BUSCA *Polifonia*

Fixando os meus olhos nos teus

Anna Rita Cristaino
annarita.cristaino@gmail.com

Muitas vezes nos encontramos para convivermos com os jovens e compartilharmos com eles a nossa vida e o nosso desejo de bem. Mas muitas vezes sentimos também a dificuldade de um anúncio explícito do Evangelho. Quando lhes falamos de

paz, de solidariedade, de amor, entram logo em sintonia, são valores que compartilham e aos quais deixam alguns espaços importantes de suas vidas. Quando falamos explicitamente de Jesus, um bom número dentre eles parece dizer-nos: “sobre isso te escutaremos uma outra vez”.

Como fazer para dizer aos jovens de deixar-se encontrar por Jesus? Na relação com eles feita de verdade e de profundidade, passa também a nossa relação com Deus. Falamos de Deus com o nosso modo de fazer, com o nosso modo de entender a vida e a gestão do cotidiano. Falamos a eles de Jesus quando conseguimos transformar o ordinário em algo de extraordinário.

Se todos correm... Nós poderíamos ser lugar de stop. Se todos falam nós poderíamos ser um espaço de silêncio.

Muitas vezes escutei adolescentes e jovens com um grande desejo de “plenitude”. O medo maior deles parece ser o vazio e o tédio. Mas a sua atitude diante dessas sensações e sentimentos é de busca espasmódica de coisas e de experiências que possam encher aqueles vazios... é “correr” sem parar nunca... por medo de sentir-se menos vivos.

■ Escutar os seus olhos

Os jovens procuram o nosso olhar. O sentir-se vistos, os chama à existência. Sentimo-nos vivos quando existimos para alguém; porém, um olhar que não os faça sentir-se expostos mas acolhidos. Um olhar que saiba escutar.

Cruzar o seu olhar e deter-se sobre ele é, muitas vezes, uma chave para abrir as portas da sua alma e da sua interioridade. Os seus olhos nos falam de transparência, de alegria, de tristeza, de confiança, de hostilidade, de severidade, de afeto, de esperança, de entusiasmo.

Os seus olhos, mais que suas palavras, nos falam de um amor que quer ser compartilhado, de uma necessidade de confiar em alguém, de um medo de ir para o fundo de si mesmo, de dizer-se a verdade... Medo de amar-se.

Em um mar de possibilidades e de oportunidades, podemos sentir-nos desorientados... Pode-se sentir o medo de arriscar. Mas a juventude é, por excelência, a idade do risco, da coragem de ousar, da

inconsciência que não faz pensar nos riscos. Se os nossos jovens perdem esta audácia, perdem pouco a pouco a sua juventude.

Há alguns jovens que, com o seu olhar queriam fazer-nos crer que não precisam de Deus, que não precisam de nenhum adulto. Queriam fazer-nos crer que para eles basta o grupo dos amigos e um/a jovem que os faça sentir-se amados e, ao menos, considerados únicos. Queriam fazer-nos crer que com as coisas que se compram, com a atenção que prestam ao seu look e ao seu aspecto, cuidam de si mesmos.

Queriam fazer-nos crer que a sua agressividade, as suas maneiras fortes, o seu “não deixar-se colocar abaixo de ninguém” seja força... Queriam fazer-nos crer que não têm necessidade de esperança porque põem a sua confiança somente naquilo que é fatível e tangível.

Queriam fazer-nos crer que permanecer na superfície lhes dá uma despreocupada tranquilidade.

Porém, depois que os seus olhos procuram o amor verdadeiro, procuram os encontros e os diálogos profundos, os seus olhares procuram a acolhida daquilo que são. Os seus olhos procuram alguém que lhes diga: eu estou aqui, conte comigo, eu confio em você.

Queriam não sonhar por medo de um mau despertar. Percorrem o caminho mais fácil por medo de cair. Chegam a um acordo com a sua sombra ou simplesmente escolhem fingir que não existem.

Marcos, Frederica, Paola, Andrea, Simone, Riccardo, Giulia, Elisabetta... Tantos nomes, tantos rostos, tantos olhos que fixam os nossos.

E nós, que olhar temos? A nossa interioridade o que guarda de tão precioso que possa ser comunicado e compartilhado pela transparência do nosso olhar?

Um canto a Dom Bosco diz assim: “E fixando os meus olhos nos teus, compreendi a tua fé...”

Um olhar fecundo que chama os jovens à vida em abundância.

COMUNICAR

Redes de palavras

Maria Antonia Chinello
mac@cgfma.org

Um ano à escuta, com toda a Igreja, da voz, da fé, das dúvidas e das críticas dos jovens. O convite é premente, a começar do Papa Francisco que, de 9 a 24 de março de 2018, convoca os jovens a um encontro, e assim lhes dar espaço para expressarem as suas expectativas e desejos, as suas incertezas e preocupações com os eventos complexos do mundo de hoje. Uma oportunidade que enriquecerá a fase de consultas, já em andamento com a publicação do Documento Preparatório e o relativo Questionário.

Nesta rubrica dedicada ao “comunicar” e à “comunicação”, pretendemos colocar-nos “à escuta” das formas e das linguagens com que os jovens se relatam e se exprimem.

A palavra é um apelo que requer uma mobilização do ser e uma tensão para com os outros: «O modo como nos realizamos enquanto pessoas, remete à capacidade de dirigir-se aos outros e de receber deles uma palavra própria. Aqui está o paradoxo, na necessidade que temos de construir a nossa personalidade, a nossa individualidade, por meio do jogo da troca de palavras. A palavra é, assim, substancialmente um intermediário entre mim e mim mesma, entre mim e o mundo, entre o mundo e mim mesma. É esta a sua finalidade. O sentido de qualquer palavra é fazer-nos chegar ao humano». Palavra e escuta, então, são relacionais: a presença do outro implica a abertura ao espaço da interlocução. A comunicação está ligada a um rebote de perguntas que tornam a escuta não uma dimensão de passividade, mas uma atitude a deixar-se invadir, de procurar-se com a pergunta: quem pergunta, interroga, está oferecendo a oportunidade de resposta, está começando um diálogo, pondo-se numa disponibilidade afetiva.

Os adolescentes de hoje cresceram com a Internet, sempre em contato, veem e escutam aquilo que querem, quando querem.

Falam entre si por meio dos vídeos do YouTube, as histórias e as fotos no *Instagram*, as postagens e os link *Facebook*, as mensagens no *Snapchat* e as conversas no *WhatsApp*. Escrevem e publicam os seus contos e romances no *Wattpat*. As mídias sociais, para eles, são espaços a serem atualizados a respeito daquilo que acontece no mundo, ambientes nos quais relatar ou relatar-se. Como?

A palavra passa para eles: uma escritora, uma youtuber e uma blogueira. Três formas de expressão e de comunicação juvenil. Os seus relatos revelam determinação, paixão, profissionalismo, divertimento.

■ Buscam-se palavras

Bianca tem 16 anos e frequenta o 3º clássico do Ensino Médio, gosta de estudar (quer ser psicóloga), escrever e desenhar. Esta última paixão ajudou-a a socializar-se com os companheiros, quando começou a transformar em fotonovela a vida de sua classe. «*Escrever e desenhar, partilhar com os outros, perceber que os divertia, me fez ganhar confiança em mim mesma, consegui fazer amizades que antes considerava improváveis*». Escreveu dois romances que se desenrolam entre a crônica das horas escolares e a amizade entre os jovens e as jovens: «*O importante é enfrentar com leveza as situações, e experimentar usar um pouco do senso de humor*». Sente ter crescido com as palavras, com a ironia com que procura tratar os argumentos, as personagens e as histórias sobre as quais escreve. São pílulas de vida, como: nunca deixar a timidez prevalecer, mas aprender a colocar-se no jogo e experimentar fazer qualquer coisa, sempre com ironia e divertimento. Ser você mesma, seguindo as próprias paixões.

“O caso 3º D. Crônicas de uma classe irrecuperável” e “A nós duas, prof” (Vencedor do Prêmio Bancarella 2017 de Bianca Chiabrando, Mandadori).

De paixão fala também *Lea*, youtuber muito jovem que, no seu canal digital relata um pouco de adolescência. «Para mim não existe o problema de pensar que estás diante de uma tela e que não estás falando com ninguém, antes, parece-me estar precisamente falando com as pessoas. Não me veria mais sem *You Tube*, porque é parte integrante de mim, porque me divirto em compartilhar a minha vida. No *You Tube*

aprendi que é preciso empenhar-se de verdade e, sobretudo, ser eu mesma».

Não sabe ainda o que fará quando ficar grande, mas aproxima-se o momento em que deverá decidir o que fará de sua vida: «são importantes três palavras: «COERÊNCIA. escolher como se apresentar e ficar fiel àquilo que diz, porque fingir não serve para nada. UNICIDADE, isto é, seguir as próprias paixões reais... Talvez descobrir que existe um talento e então é preciso cultivá-lo. A última palavra é PERSEVERANÇA. Ser o primeiro a acreditar em si, porque, se não for assim, por que os outros deveriam fazê-lo?

O conselho é: não construir uma realidade virtual diferente de si mesmo. Isto vale para a vida, para todos os dias, entre os amigos e no *You Tube*.

Sermos nós mesmos é a chave do sucesso, mesmo se às vezes possamos ter a tentação de mudar aspectos da nossa realidade; nada é melhor do que aquilo que somos!»

Eleonora tem 25 anos, é jornalista e, desde 2013, é *blogger* por profissão. Com a sua atividade, descobre e promove jovens escritores e artistas. Escreve em vários jornais e colabora com várias rádios, onde cuida de rubricas literárias: «Trabalhar na rádio, é o que gosto, porque falo com as pessoas. E eu sou feita de palavras (plenas), ricas (não penteadas) e emoções (compartilhadas)». Vinte e quatro horas não lhe bastam, são feitas de encontros, anotações, e-mail, rádio, apresentações, pessoas, colóquios porque diz que os sonhos nunca repousam. «Atrás dos meus óculos de sol, porém, existe uma jovem de 25 anos com suas ambições e seus medos. Existe uma jovem que se vê perenemente em giro, em busca de rostos, descartando as máscaras. Existe uma jovem que ama correr, porque, no passo veloz, vê os pensamentos irem embora e o oxigênio limpo entrar no cérebro. Existe uma jovem que foi – praticamente – noiva durante ‘uma vida’, e quando aconteceu a separação, perguntou-se: “*E amanhã, como será?*”. Há uma jovem que abandonou o seu maravilhoso Sul para realizar algo mais belo, mais engenhoso, mais dinâmico, na cidade dos sonhos: Roma. Há uma jovem que, a cada viagem de trabalho, volta para casa com cinco novas ideias a serem desenvolvidas, juntamente com sua equipe, aumentada com o tempo,

com os erros... Há uma jovem que deve tudo à sua mãe, e aos seus amigos...». A palavra tem um valor imenso, porque «permite o confronto, a reflexão. O que há de melhor? Penso ter melhorado com os anos. Agora reflito, pondero, efetuo o famoso cálculo: conto até dez, depois sentencio. Falo pouco, na realidade. Quando falo, porém, incido, uso palavras precisas, ad hoc, personalizadas, temperadas, à vezes».

A palavra é algo mais do que um simples instrumento que põe em relação. É palavra e reflexão, porque «*não existe palavra autêntica que não seja de praxe. Portanto, pronunciar a palavra autêntica significa transformar o mundo*» (Paulo Freire).

COMUNICAR *Cinema*

Wonder

Palma Lionetti
palmalionetti@gmail.com

Depois de cinco anos, retorna ao cinema Stephen Chbosky que havia começado de maneira fulgurante, em 2012, com o filme: *Nós somos infinito*, extraído de um romance seu. Filme aclamado pela crítica e pelo público. Agora o seu retorno é com *Wonder*, apreciado *best seller* de R. J. Palacio que, em poucas semanas, tornou-se um dos casos cinematográficos de 2017.

Tendo custado apenas 20 milhões de dólares, a Lionsgate cobrou até 109, 948, 234, só nos Estados Unidos (155, em todo o mundo), confirmando a extraordinária capacidade de Chbosky para relatar uma história de sobrevivência da adolescência.

O protagonista é **August Pullman**, chamado Auggie, um menino de 10 anos, nascido com uma doença rara que lhe deformou o rosto. Protegido pela própria família, por muito tempo, e por um capacete espacial, que o abrigava dos olhares alheios, chega também para Auggie o dia em que deve mostrar-se por aquilo que é, deve pela

primeira vez, enfrentar o mundo da Escola Média.

Como reagirão os seus novos companheiros a ele desconhecidos, e os professores? Quem terá a 'coragem' de ir além das aparências, tornando-se seu amigo?

Estes são os interrogativos que aterrorizam os pais de Auggie. A este ponto "Wonder", de Stephen Chbosky, não tem nenhum medo ao mostrar ao público as próprias cartas emotivas, e o faz relatando um mundo a nós conhecido, porque fazemos parte dele, cínico e bárbaro ao julgar os outros pelas simples aparências, pelo aspecto puramente físico.

Precisamente como em **Nós somos infinito**, Chbosky olha para a escola como lugar principal de formação, ponto de partida para a construção de um mundo melhor, banalmente mais humano.

A escola se torna aquele microcosmo em que se entrelaçam dinâmicas de poder, injustiças sociais, racismo incipiente e resgate individual, em uma gestão dos tempos narrativos pelo manual: exaltação da família, arremetida *liberal* na construção de uma sociedade multiétnica, acento posto na diversidade para um crescimento coletivo, enfim, a derrota dos "maus" sob o signo dos bons sentimentos.

Não obstante o filme ser um convite explícito à *gentileza* para com o próximo, nunca se torna trivial, graças aos seus personagens bem caracterizados, e aos diálogos frequentemente ricos de ironia.

As cenas que tocam as cordas mais profundas do coração comovendo-o, são numerosas, mas sempre moderadas sem deslizar na pieguice ou na busca de lágrimas a todo custo, como acontece muitas vezes nos filmes que tratam temas semelhantes.

Jacob Tremblay, no papel de Auggie, já extraordinário em *Room*, de Lenny Abrahamson, é irreconhecível nesta obra que relança os seus excepcionais dotes recitativos; com o rosto transformado, por horas e horas de máscara, sabe atrair a atenção e a simpatia do público com sua voz fraca e educada, o seu sorriso forçado e asqueles olhos tristes, e ainda sonhadores, límpidos e cheios de esperança.

Quem leu o romance, do qual é extraído o filme, sabe, porém, que Auggie é o protagonista, mas não é o único que tem uma história a ser contada.

«Se te fixam, deixa que te fixem.
Se nasceste para emergir, não podes
passar inobservado»

Há os pais de Auggie e Via (a irmã mais velha de Auggie, habituada a não receber atenções dos pais, porque compreensivelmente, muito empenhados no filho menor); Isabel e Nate, interpretados por Julia Roberts e Owen Wilson, bem harmonizados, nesta sua primeira vez juntos na tela grande.

Júlia Roberts, com o seu inconfundível sorriso, sustenta e estimula Auggie, consegue então interpretar, com grande sensibilidade, aquela angústia escondida de uma mãe que depois de ter renunciado a estudos e ambições para ocupar-se do filho em tempo pleno, deve reinventar-se e reiniciar ali, onde havia parado. Isabel é um ponto firme, severa e amável ao mesmo tempo, enquanto Nate é para Auggie um alegre companheiro de jogos, que chega a emocionar o público em algumas cenas, entre as mais ternas e comoventes do filme.

Coragem. Gentileza. Amizade. Caráter. Eis as palavras-chave desta história!

“Quando te é dada a possibilidade de escolher entre ter razão ou ser gentil, escolhe ser gentil!” Assim a agentileza se torna o segredo de Wonder, uma comédia motivadora que oferece ao espectador, com uma doçura que desarma, uma mensagem inequívoca: “Nunca fique apenas nas aparências”.

Assim como o livro, também o filme faz da gentileza, não a cortesia formal de boas maneiras, mas aquela força escondida do coração que, com afabilidade, amabilidade, atenção, respeito e fineza, faz ainda crer que o mundo pode ser um lugar melhor.

Um filme de emoções fortes, que faz bem, nunca intimidante ou exageradamente insípido; genuinamente pedagógico; empaticamente falando, que desarma e surpreende, permanecendo no equilíbrio entre drama e comédia; um ‘feel good movie’ que já se tornou um clássico do gênero. Um filme que conquista o espectador de qualquer idade, que sabe aquecer o coração, que pode considerar-se um hino à diversidade, convencendo que os novos desafios, mesmo

se parecerem um obstáculo intransponível, podem sempre ser superados com os conselhos de quem nos ama... ; que não existe nada de mais belo do que o suporte da própria família para se enfrentar cada novo dia com o sorriso!

COMUNICAR *Literatura*

As nossas lágrimas têm a mesma cor

de Bushra

Awad e Robi Damelin

Emilia di Massimo

emiliadeimassimo@libero.it

Um País em guerra desde 1948, onde atentados, ocupações, tiroteios e mortes não têm conta. Uma terra, símbolo da falência da diplomacia, pode ter também, espaços de paz e de diálogo? Busha e Robi nos dizem que sim, e o título do livro é o manifesto da sua mensagem: “As nossas lágrimas têm a mesma cor”.

Existe, afirma Anne Guion, pouca literatura sobre a reconciliação, e mais precisamente, sobre os mecanismos psicológicos que entram em jogo. De um lado estão a psicologia e as emoções muitas vezes relegadas nas revistas femininas, e do outro lado a geopolítica. Dois âmbitos separados que nada têm a ver um com o outro. Concretizar tal convicção não é automático, mas é um caminho indispensável: Nós vivemos aqui, não podemos nos permitir ficar desesperados.

No livro “**As nossas lágrimas têm a mesma cor**” a jornalista francesa Anne Guion recolheu o testemunho de muitos israelenses e palestinos que fazem parte da associação *Parents Circle Family Forum* (PCFF). Os protagonistas das histórias estão unidos por terem vivido o comum luto pela morte de um familiar morto pela mão homicida e terrorista. A partir da dor que a guerra traz, das mortes provocadas pelo exército israelense que oprime o povo palestino, ou pelos terroristas palestinos que agredem civis e militares, pode brotar a

confiança num futuro novo, em que o diálogo e a reconciliação (ou a “resiliência”) estão na base de uma obra de desativação da bomba que tem matado e continua a matar, numa terra martirizada.

O Parents Circle Families Forum

Fundada em 1994, depois dos acordos de Oslo, pelo hebreu israelense Ytzhak Frankental após a morte do filho Arik, é uma associação empenhada em levar adiante um processo de paz, por meio do conhecimento recíproco e do encontro entre pessoas de ambas as partes que, devido ao conflito, têm perdido familiares e que, justamente a partir desse luto, se propõem a encontrar caminhos diferentes dos da violência para enfrentar, de modo equitativo e sustentável, as questões em jogo, e construir unidade e solidariedade.

Robi é hebreia e israelense, Bushra é muçulmana e palestina. Seus povos se combatem há mais de 70 anos. Tudo parece dividi-las. Ambas perderam um filho morto pelo “inimigo”. Estas duas mulheres deveriam odiar-se. Se aqueles que pagaram o preço mais alto – a morte de uma pessoa querida – são ainda capazes de empatia e de diálogo sem procurar vingança, tudo ainda é possível. Ajudadas por Anne Guion, as duas mães percorrem as etapas do difícil percurso que lhes permitiu libertar-se da raiva e do ódio na tentativa de construir algo de bom, verbalizando a própria sensibilidade dentro de um contexto histórico, diferente daquele que as mídias apresentam, e documentado mediante a cronologia do conflito israel-palestinos, de 1896 a 2015.

No dia em que o poder do amor superar o amor pelo poder, o mundo poderá descobrir a paz. (Mahatma Gandhi)

A palavra-chave é *vulnerabilidade*. É este sentido comum de vulnerabilidade que a associação PCFF procura trazer à luz e aprofundar nos encontros entre israelenses e palestinos na esperança, que se tornou ao longo dos anos convicção, de que a empatia é a chave para construir-se a Paz. A passagem necessária é a de compreender que o sofrimento do outro não põe em discussão o meu sofrimento: este processo é possível somente porque a troca acontece com o “inimigo”. O processo de cura se desencadeia precisamente no momento em

que estas histórias de sofrimento são compartilhadas com ele (o inimigo), e é isso que o livro analisa mediante uma viagem interior: do rosto do inimigo ao rosto do outro, do trauma à sua superação, da força humilde do perdão ao efetivo empenho para se construir a paz. Esta viagem para a descoberta do outro é acompanhada por uma outra viagem, em direção a si mesmos, para descobrir-se como seres humanos, para além das convicções e das identidades históricas, culturais ou religiosas. Sair do ser bloqueado no próprio papel de vítima, para uns e para os outros, é possível quando se toma consciência, por meio de uma relação empática com o outro, da relatividade do próprio ponto de vista. O extraordinário desses encontros é a passagem da desconfiança e do medo recíproco à descoberta do compartilhamento da mesma dor, à catarse, às lágrimas que abrem a novas relações.

Da dor, pode nascer a esperança?

Um livro forte, com algumas passagens difíceis, que nos ensina de que modo pode nascer da dor, a esperança, porque, se duas mães, que perderam um filho, são ainda capazes de empatia e de diálogo sem procurar vingança, pode-se crer que da dor nasce a esperança.

Onde nasce o arco-íris, de Andrea Caschetto

Preparou uma mochila e partiu com um budget de 4 mil euros, recolhidos entre bolsas de estudo e trabalhos *part time*, para girar pelos orfanatos dos cinco continentes. Percorre as estradas do Rio de Janeiro, Vietnã, Sri Lanka, Índia, Nigéria e muitos outros lugares do mundo, vive nas tendas, dorme nas redes, caminha descalço, come com as mãos e está entre muçulmanos, católicos e budistas. A missão do jovem Andrea Caschetto, de vinte e seis anos, viajante desde os 13, é *“testemunhar que as culturas são diversas e que as crianças são todas iguais”*. Aos 15 anos Andrea submeteu-se a uma intervenção cirúrgica no cérebro, e declara que não é necessário um tumor para apreciar a vida e fazer algo de bom, porque *“tudo aquilo que toca os nossos sentimentos permanece para sempre em nossa memória, a longo prazo”*.

Quem é Andrea Caschetto?

Dotado de uma sensibilidade particular, Andrea sempre se interessou pelo destino dos últimos, empenhando-se em atividades de solidariedade internacional. Por ocasião da inauguração de um centro pediátrico em Johannesburgo, realizado graças aos fundos recolhidos pelo liceu de Ragusa, chegou a iluminação: “Conheci as crianças, e o seu sorriso me derreteu. Aqueles olhos que brilham, o desejo de contato, os abraços, as pequenas mãos que apertam, pedem atenção, reclamam amor; e a ti, te parece, não teres o bastante para todos. Tens vontade de chorar; parece-te impossível que o mal atinja esses anjos, porém não podes chorar, elas têm direito ao sorriso – ao menos aquele - e tu deves industrializar-te para dá-lo; um alívio à dor. Eu comecei assim”. Arrancar um sorriso para as suas crianças, por isso o chamam de o “Embaixador do sorriso”.

COMUNICAR *Música*

Sair de si mesmos para reconhecer-se

Mariano Diotto
m.diotto@iusvre.it

A música permite “grandes magias” dentro de nós, porque a escuta de uma canção nos concede a possibilidade de conhecer-nos melhor, antes, reconhecer-nos.

Quando faço um gesto com uma das mãos, aquele determinado movimento pode ser expresso somente daquele modo, e explicá-lo não é a mesma coisa que realizá-lo. O mesmo acontece com a música. Entender um gesto não é explicá-lo, entender uma canção não é explicá-la, mas é compreender a experiência vivida que, necessariamente, encontra afinidade com outros conceitos de experiências vividas.

Ludwig Wittgenstein, grande filósofo do século passado, sustentava no seu célebre livro *Tractatus* que, para realizar este exercício de compreensão profunda daquilo que nos circunda, da nossa fragilidade, das nossas fraquezas, é necessário sair de si mesmo.

No fundo é o trabalho que realiza todo compositor e todo cantor quando escreve ou interpreta uma canção. Extrai de si mesmo, da própria experiência de vida, aquilo que tem dentro, dando uma forma comunicativa que possa alcançar o mais vasto público possível. Algumas músicas, de fato, tornam-se universais porque sabem tocar as partes mais profundas do coração das pessoas, ou algumas palavras sabem descrever de modo exaustivo situações ou acontecimentos da vida.

■ Reconhecer-se... em uma vida quebrada

Whitney Houston, cantora norte-americana de esplêndida voz, e grande intérprete da canção: *I wil always lo0ve you* que vendeu mais de 20 milhões de cópias. Depois do grande sucesso, nos anos Noventa, caiu no túnel da droga e do abuso de remédios. Após ter sido desintoxicada, voltou à cenas mundial com uma canção *I look to You*, em que relata a sua experiência: «Enquanto estou para me deitar escuta-me, ó Céu: depois de ter dado tudo de mim, sinto-me perdida sem nenhuma razão para viver. As tempestades invernais abateram-se sobre mim e obscureceram o meu sol; depois de tudo aquilo a que fui ao encontro, a quem me posso dirigir? Dirijo-me a Ti, a Ti. Depois que todas as minhas forças desvaneceram, só em Ti posso ser forte».

É o relato lúcido e preciso dos anos de quem passou subjugada pela droga, onde emerge claramente o pedido da ajuda de Deus. Mas foi necessário sair de si mesma para ver a realidade em que havia caído, e poder renarrá-la. O vídeo da canção, em sua simplicidade revela esta busca interior e o desejo de superar as dificuldades da vida. Ficou o testamento espiritual desta cantora que morreu com apenas 48 anos.

O ser humano nasceu pequeno e morrerá pequeno. Nós estamos prontos para acolher a nossa fragilidade assim como ela é, verdadeiramente? (Jean Vanier)

■ Reconhecer-se em um matrimônio feliz

Foi o que ofereceu a cantora **Beyoncé** ao relatar ao público o seu sétimo aniversário de casamento, realizando um vídeo “filmado em casa” em que é filmada pelo marido, o famoso rapper Jay-Z, enquanto canta a canção *Di with you*. Naquela melodia e naquelas palavras transparece a unidade em sua vida matrimonial, o seu dar-se um ao outro. «Não tenho um motivo para chorar e tenho todas as razões para sorrir. E eu não tenho motivo para mentir, quando já estás lendo a minha mente. E não tenho motivo para existir quando não posso estar contigo. E não preciso de ar nos pulmões se não posso cantar a tua canção. Não, não preciso de mãos, se não posso manter-te aquecido. E não tenho realmente necessidade de mim se não tenho necessidade de ti. Porque, querido, eu acordo somente para dormir contigo. Abro os olhos, para poder ver contigo e vivo de modo a poder morrer contigo».

■ Reconhecer-se... numa humanidade que tem limites

É o que expressa o cantor britânico **Rag’n’Bone Man** na música intitulada *Human*, em que observa que a condição humana é limitada. Ninguém de nós pode eliminar os limites. É um dado de fato do qual é necessário, porém, tomar consciência. «Dá uma olhada no espelho e, o que vês? Vês mais claramente ou estás enganado naquilo que acreditas? Porque, depois de tudo sou apenas um ser humano. Algumas pessoas têm problemas verdadeiros, algumas

peçoas são desafortunadas, algumas pessoas pensam que eu posso resolver a sua situação, Senhor dos céus, depois de tudo sou apenas um ser humano, não descarregues a culpa em mim».

A música é vivida e habitada por todos, mas, em particular pelos jovens. As canções para eles se tornam experiências de vida, e é por isso que são significativas para a existência, e se ligam a uma experiência emocional que o tempo reforça em vez de cancelar. As canções se tornam assim a roupa a ser vestida para relatar aos próprios amigos, à própria companhia, no mundo do trabalho, a própria identidade. O importante é, ao menos por um átimo, saber sair de si mesmo e olhar-se lucidamente, para reencontrar aquela intimidade pessoal que muitas vezes o mundo circunstante nos faz perder, e que a música pode nos restituir.

COMUNICAR *Laboratório Imagem*

O vídeo, meio privilegiado de pastoral

■ **Caterina Cangia**
sistem@thesistem.it

Os adolescentes e os jovens que têm perguntas religiosas não expressas, são mais numerosos do que imaginamos. Para responder de modo a nos fazer entender, queremos renovar-nos em nosso “fazer pastoral”, também por meio de um laboratório de visão e realização de vídeos de educação à fé ou, nos contextos não cristãos, de educação aos direitos humanos.

Na busca de caminhos para a evangelização, o vídeo se apresenta como um percurso privilegiado pela facilidade e imediatismo de comunicação que a sua linguagem tem sobre as novas gerações. Iniciamos aqui, algumas reflexões sobre a escolha de vídeos formativos presentes no

mercado, e sobre a planificação, a realização e a difusão de vídeos criados por grupos de adolescentes e jovens confiados à nossa amorosa ação pastoral.

O primeiro encontro apresenta a finalidade excelentemente formativa e pastoral do laboratório-vídeo que queremos iniciar, e convida a equipar-se com hardware e software precisos, para que, da ideia se passe ao produto acabado. O segundo encontro nos ajuda a explorar a fase chamada de “pré-produção” ou de planificação, por meio da proposta de várias modalidades de *storyboard* flanqueados por exemplos. Aqui os aprofundamentos se referem a conselhos e sugestões sobre como melhorar a própria prática. O foco do terceiro encontro está na fase chamada “produção” ou *shooting*. São feitos acenos aos movimentos de máquina, à iluminação e à composição, com os relativos aprofundamentos. Concluem-se os encontros do ano com as duas últimas fases, a da montagem ou “pós-produção” e a da publicação dos vídeos realizados.

As quatro contribuições serão uma mistura de aspectos técnico-estéticos e de aspectos didático-formativos para uma pastoral com as novas linguagens, capaz, talvez de oferecer algumas das respostas que os adolescentes e os jovens esperam.

■ O vídeo na pastoral da comunidade e na pastoral de fronteira

O vídeo é um meio vivaz e eficaz para uma pastoral educativa aos que estão próximos, e para uma pastoral do anúncio, aos distantes. É difícil alcançar estes últimos com uma linguagem bíblica ou eclesial, ao passo que é mais fácil sugerir a beleza da Palavra por meio dos videoclipes que representam a vivência diária ligada a elementos que já têm sabor evangélico.

Um exemplo é o vídeo *Kindness boomerang* ou, *O boomerang da bondade* (<http://www.lifevestinside.com/film/>). Com a duração de 5 minutos e 44 segundos, ritmados pela canção *One day*, de Matthew Paul Miller, nele é relatado que um gesto de bondade realiza uma cadeia de gestos de bondade. Talvez um eco de: “Fazei aos outros aquilo que quereis que vos façam” (Mt 7,13)? Do mesmo modo, a escolha de breves sequências de filmes pode transformar-se em precioso momento de formação. O episódio “A tormenta”, extraído do filme *Sogni* (1990),

de Akira Kurosawa. Depois da angústia de estarem perdidos numa alta montanha e próximos da morte, são surpreendidos pela alegria de ouvir o som da trombeta vindo do campo de base. O episódio, sem palavras, causa grandíssimo impacto.

Deixemos a pastoral de fronteira e olhemos de perto a pastoral da comunidade, onde a atenção é dirigida aos jovens a caminho do crescimento, que se responsabilizam em viver a fé abraçada como dom. Para eles é de grande ajuda a realização de vídeos que convidam a descobrir o contínuo chamado de Deus, e a redefinir diariamente as próprias escolhas, segundo a novidade da fé.

O laboratório de planificação e realização de videoclipes é ocasião para confrontar-se, para estudar e, na mais feliz das hipóteses, para encontrar Jesus, diretamente ou por meio dos companheiros de grupo. Poderia ser a ocasião para entender o Evangelho na sua radicalidade por meio do *sair* ou *reconhecer* o valor da realidade em torno de nós, a ser acolhida com a imagem em movimento, e com o som; por meio do *ver* ou *interpretar* os valores presentes em cada outro; por meio do *chamar* ou *escolher* quais aspectos da realidade que nos circunda são respostas ao chamado de Deus e, enfim, por meio do *sonhar* ou *agir* que se traduz na realização de videoclipes que fazem dos jovens que formamos, evangelizadores de outros jovens.



Os software mais simples para a montagem

-Soluções gratuitas para usuários Windows. Windows Movie Maker é um programa muito simples que permite montar vídeos e também realizar *sidesshow*. Podem-se criar títulos, fazer transições, com o acréscimo de efeitos sonoros e musicais. O aspecto positivo é a gratuidade, enquanto o aspecto negativo é a excessiva simplicidade.

-Soluções gratuitas para usuários Mac

iMovie é simplíssimo. Também os adolescentes mais jovens são capazes de usá-lo. Tudo o que serve é selecionar os próprios clipes, limpá-los dos maus disparos e inseri-los depois na *timeline* acrescentando efeitos e títulos. A Apple oferece, além disso, muito material gratuito, como música e efeitos sonoros. Podem-se também criar trailers. iMovie torna simplíssimo compartilhar os próprios vídeos com a possibilidade de fazer o seu *upload* automático, diretamente da aplicação.

O equipamento para as filmagens

Basta um simples telefone *smart* com uma telecâmara de base, ou tecnologias de elevada qualidade que permitam obter bons resultados. Para vídeos mais profissionais existem os os *Flip Cam* que têm as mesmas vantagens do smartphone com o acréscimo de uma qualidade superior do áudio e do vídeo. Se a intenção do laboratório for a de fazer adquirir um certo profissionalismo, pode-se escolher uma *reflex* de última geração, que permita a aquisição de vídeos de ótima qualidade. O objetivo a ser combinado, muito versátil e econômico, é o 18-135 mm ou o 18-55 mm. O acessório indispensável é o cavelete que permite a estabilização das imagens. Também aqui, há faixas de preços vários. Bons são os cavaletes pequenos, articuláveis e com pés magnéticos, que aderem a toda superfície de metal. Indispensável é também o microfone. Para o smartphone, um pequeno microfone, muito adaptável, é o Belkin. É necessário que tenha o rolamento antivento, se for girada ao aberto. Se a telecâmara não tem um ingresso áudio, convém ter um registrador digital áudio externo, como o Tascam DR-05, ligado a um microfone, para ser capaz de adquirir o áudio separadamente e sincronizar, então, na fase de montagem das duas faixas.



Uma viagem profética

Minhas queridas amigas, estou contente de poder compartilhar com vocês uma experiência neste tempo que abre o meu coração a uma nova viagem na vida. Vocês sabem bem que, há muitos anos atrás eu ganhei este espaço em que pude *dividir* com vocês tudo aquilo que toca a nossa vida de FMA, e por isso a terceira idade está presente no DMA. Ainda bem.

Mas é chegada a hora de começar uma nova viagem que me leva a aceitar a minha idade e a minha velhice. Não sei se ainda não apareceram palavras que repito sem perceber, portanto não quero fazer “bruta figura”. Não despertei em vocês a ternura? Porque, os anciãos como eu, se são bons, se sabem retirar-se em tempo e experimentam abrir-se ao novo, despertam a ternura de todos. Não é mesmo? Na semana passada voltei do Retiro Espiritual com a novidade do Espírito, que falou ao meu coração: Camilla, é agora! Vamos! As primeiras irmãs missionárias que partiram para a América, são o melhor exemplo para impelir-me a dar o passo.

São 140 anos e... quase cheguei lá, neh! Vocês viram que as Irmãs da primeira expedição tinham nomes repetidos? Três *Ângela* e duas *Teresa*... mas sim, enquanto estava na Capela aconteceu-me realmente ver – ao menos assim me pareceu – uma outra Camilla, mais jovem do que eu, e senti que havia chegado o momento. Desejo ter o entusiasmo missionário renovado e, na minha idade, quero dar um passo de qualidade, mesmo usando o bastão.

Rezem por mim, pois não é fácil aceitar um novo tempo em que não se pode fazer como antes e se chega assim a depender e a abrir-se à ajuda dos outros. Com o meu temperamento, será um desafio receber gestos de ternura e ser terna com todas aquelas que se aproximam de mim; no entanto, é precisamente esta a oportunidade para mim de ser mais amorosa, e isto oferecerei pela salvação dos jovens. Basta a melancolia. Agora, coragem para todas aquelas dentre vocês que estão na mesma situação; penso que o Senhor está conosco, como diz o Papa Francisco: a ternura «está próxima, é o grande gesto do Pai para conosco: Deus se faz próximo, se faz um de nós, eis a condescendência do Pai».

Palavras de Camilla!





Espiritualidade Juvenil e Salesiana



Eu te escrevo

“Cuidem disso, vocês são minhas filhas!”

Acompanhar, em perspectiva educativa, remete ao empenho de ajudar a/o jovem a crescer e a desenvolver potencialidades e recursos, mas também à modalidade com que isso se realiza, por meio de uma relação pela qual a gente se coloca ao lado do outro, o sustenta com a própria presença e o orienta com a própria sabedoria. Um acompanhamento que expressa *reciprocidade e fraternidade, maternidade e paternidade*. Acompanhar levando para Deus, fonte de felicidade.

A espiritualidade do “cuidar”

Uma espiritualidade à medida dos jovens, especialmente dos mais pobres, que saiba descobrir a ação do Espírito Santo no seu coração e colaborar com o seu desenvolvimento.

Ouvi como uma voz: “*A ti as confio*”.

Madre Mazzarello «atraía as jovens com a doçura dos modos, ganhava a o seu coração; era como as mães afetuosas, sempre atenta a preferir, às próprias comodidades, as das filhas» (LEMOYNE João Batista – CAVIGLIA Alberto, *Maria Domingas Mazzarello. Profecia de uma vida*, Roma Instituto FMA 1996).

As jovens que acompanham, são para as FMA um precioso tesouro que lhes foi confiado por Deus e por Maria, tesouro para ser cuidado e guiado até a plenitude.

O amor cuida de cada pessoa e da qualidade do ambiente para que favoreça a maturação de cada uma. O “tomar cuidado” é um estilo de vida que inclui a dimensão afetiva, intelectual, espiritual, relacional, ética. É acolher a vida e colocar-se a seu serviço, incondicionalmente. Ter cuidado e atenção comporta ter consciência da preciosidade de cada pessoa, querer que seja ela mesma e que deixe emergir a parte melhor de si mesma. Requer confiança e um “olhar que valorize”, pronto a acolher potencialidades e limites, e que tenha a capacidade de abrir espaço ao outro, de “hospedá-lo” e ajudá-lo a realizar, do melhor modo possível, a vocação à qual é chamado.



**«Queridos jovens...
sejam viajantes da fé,
felizes por levarem Jesus
em cada rua, em cada praça, em
cada canto da terra»**

(Papa Francisco)



Tradução: Ir. Maria Ap. Nunes fma
Revisão: Ir. Maria Gazzetto fma
Inspetoria S. Catarina de Sena
São Paulo - Brasil